

*Três cartas inéditas
para André Breton*





António Cândido Franco

*

TRÊS CARTAS
(inéditas)

para

ANDRÉ BRETON

lume de Grandes Mistérios

enviadas por

MÁRIO CESARINY

✍️ Cândido Costa Pinto



com materiais novos sobre
o *Grupo Surrealista de Lisboa*
a Exposição Internacional de 1947
a ciência ritual
as forças mágicas do Espírito
✍️ a exaltante paixão amorosa do
SURREALISMO



MMXV

Licorne

Desenho: *Délio Vargas*

Agradecimento
a *Aube Breton-Elléouët*
que possibilitou pesquisa, leitura
e reprodução das cartas
a André Breton

ISBN: 978-989-8789-13-6

Depósito Legal:

Tiragem: *edição privada, 200 exemplares*

Paginação: Egora, lda.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, lda.

MMXV

editoralcorne.blogspot.com

Temos pois de concluir que não interessamos. Também é certo que não estávamos interessados. De qualquer modo, não parece normal que em 24 anos de existência o surto surrealista não tenha levado as consciências a nenhuma espécie de ensaísmo, crítico, interpretativo, histórico ou lírico, quando vemos pletóricos de tais mimos nomes ou movimentos que entretanto se sucederam.

MÁRIO CESARINY
A Capital, 3-11-1971



homenagem a
ANDRÉ BRETON
nos 90 anos
da publicação
do *Primeiro Manifesto do Surrealismo*
Outubro de 2014



PARA A HISTÓRIA DO GRUPO SURREALISTA DE LISBOA

O trabalho que de seguida se apresenta teve por ponto de partida a pesquisa feita na correspondência recebida por André Breton de cartas de portugueses. A correspondência de André Breton, gigantesca como se justifica em alguém que, existindo no tempo do correio postal, viveu exilado em Nova Iorque durante os anos da segunda guerra, entre 1941 e 1946, e que desde a década de 20 estabelecia contactos poéticos e políticos em toda a Europa, e depois em todo o mundo, a correspondência de André Breton, dizíamos, está hoje depositada na biblioteca de Jacques Doucet (8 place du Panthéon, 75005 Paris), um mecenas que amealhou uma das mais valiosas bibliotecas culturais do século XX e com quem o autor de *Nadja* se cruzou logo na juventude – há registo de encontros com o bibliófilo Doucet a partir de 1920 – e para quem trabalhou, adquirindo livros, manuscritos, desenhos e pinturas, e escrevendo textos introdutórios para catálogos e balanços críticos. Em 1978, a viúva de André Breton, Elisa Claro Breton, fez dádiva à biblioteca de muitos documentos epistolares do autor de *Nadja*, o que mais tarde, já depois da partida de Elisa, Aube Breton-Elléouët, filha do escritor e de Jacqueline Lamba, reforçou.

Não é certo que os três documentos que neste livro se apresentam – dois, do ano de 1947, valiosos, por serem um contributo nada desprezível para se perceber o que aconteceu no momento imediatamente anterior à formação do Grupo Surrealista de Lisboa – sejam os únicos que André Breton recebeu de portugueses. Mesmo aceitando que Breton era, ao menos desde a segunda metade da década de 40, a partir da qual gozou de estabilidade de residência, que o exílio americano não lhe deu, o tipo de escritor que tudo colecionava, não se garante que algu-

mas cartas se tenham extraviado e nelas tenha ido alguma subscrita por português.

Há duas semi-certezas que se retêm: primeiro – as cartas de portugueses que hoje se encontram no arquivo Jacques Doucet são as que neste livro se transcrevem; segundo – o destinatário delas nunca se interessou pelo destino do surrealismo em Portugal, não o citando sequer, e dele tinha vasta, variada e continuada notícia, nas *Ephémérides Surréalistes* (1916-1955), vindas a lume em 1955 na reedição conjunta dos manifestos, atitude que repetiu na actualização que fez das mesmas *efemérides* em 1962. Não admira que as cartas dos seus correspondentes portugueses, escritas num francês aceitável, tenham ficado, tanto quanto se conseguiu apurar, sem resposta.

Do grupo surrealista que André Breton constituiu no regresso a Paris em Maio de 1946, houve dois membros que tiveram um contacto privilegiado com Portugal e com portugueses: Nora Mitrani (1921-1961), de ascendência judaica búlgara, com parentela em Portugal, e que era uma aquisição recente, e Benjamin Péret, um dos fundadores do primeiro grupo surrealista, anterior ainda a 1924, então a caminho dos cinquenta anos, e que vivera entre 1929 e o final de 1931 no Brasil, onde aprendera o português, que chegou a falar e a escrever com alguma fluência. Péret, que nunca veio ao que sabemos a Portugal, teve contactos em Paris, entre 1949 e 1951, com portugueses, entre eles António Maria Lisboa, e foi uma fonte privilegiada de informação de Breton no que a Portugal em termos de surrealismo respeitava. Nora Mitrani, a outra fonte de Breton, que alguma coisa conhecia da língua portuguesa, longe porém de Péret, veio a Portugal no final do ano de 1949, ou no princípio de 1950, onde ficou largas semanas, chegando a fazer, a 12 de Janeiro uma palestra, *La Raison Ardente (du Romantisme au Surréalisme)*, que foi pouco depois publicada, em tradução de Alexandre O'Neill,

num caderno já póstumo, ou semi, às actividades do Grupo Surrealista de Lisboa.

Nora, pela viagem que realizou a Portugal, pela observação directa dos eventos e dos protagonistas, pela palestra e pelo livro que aqui publicou, terá sido a principal responsável das informações que Breton teve dos primeiros desenvolvimentos do surrealismo em Portugal – como foi ainda através de Nora que Breton teve notícia da poesia de Fernando Pessoa, que depois veio a citar com respeito, se é que não admiração, na entrevista que deu em 1958 a Pierre de Boisdeffre. A ter em conta o silêncio total que Breton fez sobre o que em Portugal se passava, a informação não terá sido exaltante, o que se entende se pensarmos que a autora da *Razão Ardente* chegou ao país numa altura em que os resultados da cisão de Agosto de 1948 no Grupo Surrealista de Lisboa, que levava à criação do colectivo “Os Surrealistas” e à decadência irremediável daquele, estavam ainda ao rubro.

No momento em que Nora está para vir a Portugal, ou pouco antes, Outono de 1949, segue Henrique Risques Pereira, do grupo “Os Surrealistas”, para Paris com uma carta escrita em português por António Maria Lisboa e dirigida a Benjamim Péret, que tem por alvo denunciar a inércia do Grupo Surrealista de Lisboa. A carta foi dada posteriormente a conhecer por Cesariny na obra que do amigo publicou em 1977. Basta para o efeito que aqui interessa, situação do surrealismo em Portugal no momento em que Nora vem a Portugal (chegou com o pretexto oficial, ou talvez não, de visita à família), ler o parágrafo de entrada (v. *Poesia de António Maria Lisboa*, 1977: 255): *Apresento-lhe Henrique Risques Pereira que desde o início nos tem acompanhado. Foi dos que passaram pelo Grupo de António Pedro e saiu enojado. De facto “aquilo” só servia para estetas e pulhas.* Ao que Risques Pereira confessou mais tarde (idem, 1977: 387), a

carta nunca chegou às mãos de Péret, por ausência deste de Paris, mas as notícias que dela constavam não podiam ser estranhas ao autor de *Le Grand Jeu*.

António Maria Lisboa estivera em Paris em Março desse ano, 1949, e uma das missões que cumpriu foi falar com Péret, para lhe comunicar a cisão que acontecera em Agosto de 1948 no Grupo Surrealista de Lisboa, com a saída de Mário Cesariny e de António Domingues, e a criação quase imediata dum novo colectivo, “Os Surrealistas”, com uma posição adversa ao outro grupo e ao seu patrono, mas não fundador, António Pedro. Ante uma situação interna tão labiríntica e armadilhada, a que acrescia uma situação política ainda mais para confundir, com as eleições presidenciais directas de 1949, não admira que André Breton, que nem sequer conhecia a língua em que o país falava e escrevia, tenha optado pelo silêncio, voltando costas ao que se passava em Portugal. Conhecedor das traduções francesas de Fernando Pessoa, assinadas então por Armand Guibert, preferiu ficar por este – mas fora, claro, das *efemérides surrealistas*, onde a ausência é total.

Os documentos epistolares de remetentes portugueses que se encontram no espólio de André Breton, sobretudo os do ano de 1947, relativos ao período que antecedeu a criação do Grupo Surrealista de Lisboa no Outono desse ano, e que aqui se apresentam, são mais um contributo, a juntar a outros já conhecidos, como a correspondência que Mário Cesariny então trocou com Alexandre O’Neill e António Domingues, para melhor se conhecerem e se esclarecerem os antecedentes imediatos da constituição do dito grupo. É por aí que segue o presente e breve subsídio.

Talvez nunca se possa vir a fazer, por razões várias, a mais significativa das quais a intemporalidade da noção em

causa, a história do surrealismo em Portugal. Há segmentos que não pertencem à história, nem são historiáveis, pois estão fora do tempo, do tempo físico e exterior, condição basilar para haver história. São segmentos desse tipo, a que podemos chamar míticos, que alimentam a poesia, no que esta tem de dramática.

Não obstante essa previsível impossibilidade, são desejáveis os contributos pontuais para historiar alguns dos seus momentos temporais, antes de mais o Grupo Surrealista de Lisboa, primeira manifestação visível do surrealismo em Portugal e talvez o seu segmento mais historiável, até pelo pouco, ou o nada, que de mítico nele houve. Vieram já a lume alguns desses subsídios, com evidente benefício duma mais ajustada narração do que aqui importa, a saber, o surrealismo português em tempo do Grupo Surrealista de Lisboa, e sem esquecer aquele intemporal que inviabiliza qualquer história plena e absoluta, já que esta para existir de forma cheia necessita da consumação do facto e o facto aqui, pela noção intemporal dos segmentos não historiáveis, não fecha e de muitos modos não fecha.

Deixando agora de lado as achegas dadas por alguns que de modo tangencial, mas nunca por dentro, se cruzaram com a chegada do movimento a Portugal, como foi o caso de Jorge de Sena, que num desses textos se crismou, sem qualquer ironia, “criatura não surrealista” (“Notas acerca do surrealismo em Portugal”, 1978; v. *Estudos de literatura portuguesa III*, 1982: 258), pertencem a Mário Cesariny, com certeza por estar dentro e se ter por criatura surrealista, os mais valiosos subsídios para a historiografia do surrealismo em Portugal ou para aquilo que dele era por então possível historiar e que não é assim muito diferente do que por ora é.

Para além dos manifestos públicos, das declarações de grupo, das folhas volantes que assinou, bem assim outros do-

cumentos congéneres, de restrita circulação, mas sempre pertinentes para quem queira aclarar a acção do movimento entre nós, é preciso assinalar em lugar cimeiro dois textos capitais que publicou já na década de 70 do século XX, cerca de vinte e cinco anos depois da formação inicial do Grupo Surrealista de Lisboa, e que constituem o ponto alto de qualquer tentativa de relatar o que se passou em Portugal entre a década de 40 e a de 70 em termos de surrealismo.

Falo dos seguintes textos, publicados com um curto intervalo entre si de dois meses e que tudo leva a crer terem sido escritos na mesma leva, de seguida: “Para uma cronologia do surrealismo português”, publicado em Dezembro de 1973 na revista *Phases* (n.º 4, II série, Paris), em francês, na tradução de Isabel Meyrelles, e que veio a ter uma segunda edição, revista e anotada, esta em portuguesa língua, no livro *As mãos na água a cabeça no mar* (1985: 261-282), e *Contribuição ao registo de nascimento, existência e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa*, dado a lume como caderno autónomo em Fevereiro de 1974, edição de Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, e recolhido também mais tarde, com revisão, na colectânea de 1985, *As mãos na água a cabeça no mar* (pp. 285-314), reedição muito acrescentada, que aqui seguimos, de livro publicado em 1972, em simples e magra edição do autor, paga pelo bibliófilo e também biógrafo do órfico Mário de Sá-Carneiro, João Pinto de Figueiredo. Aos dois textos, até para confrontar, é preciso juntar a primeira grande peça historiográfica de Cesariny sobre o surrealismo, a cronologia de abertura do livro *A Intervenção Surrealista* (1966), “Prolegómenos ao aparecimento de Dadá e do surrealismo”, que teve reedição integral, neste caso sem qualquer revisão, corte ou acrescento, em 1997 – e esta aqui se segue. Uma quarta peça, também valiosa como apoio, é a cronologia que Cesariny juntou ao livro com que a Secretaria de Estado da Cultura o homena-

geou (Mário Cesariny, 1977, pp. 43-66) – ao que sabemos sem reedição posterior.



O primeiro texto, de 1973, assumidamente historiográfico, não obstante o que o autor havia aventado sete anos antes no prefácio da antologia *A Intervenção Surrealista* (1966), em que não vaticinava Herculanos para o surrealismo indígena, é um voo panorâmico de quase um século, que vai de 1880 até ao início da década de 70 do século XX, momento da escrita, e em que, além das raízes e dos frutos já maduros, o grosso do texto, quinze páginas em vinte, é dedicado ao que ocorreu, em termos de surrealismo, na década de 40, que podemos tomar como o momento mais apertadamente historiável do conjunto, embora esteja longe de ser possível metê-lo como um todo na história. Há sequências nessa década que para brilharem como brilham não podem ir ao torniquete da cronologia. Aconteceram do lado de fora do tempo, e até fora do que no surrealismo é visível e se pode contar, ou por miúdos se trocar, como esse *Duplo Passeio* que Teixeira de Pascoas deu à lume, sem censuras nenhuma, no avesso de tudo, em 1942, e aí, nesse forro quase invisível, as havemos de deixar.

O texto de Cesariny solta-se, permeado de avanços pessoais, longe pois do que se dá e tem por expressão fria e inquietadora da ensaística, mas apresenta, logo na edição gaulesa de 1973, um conjunto de elementos objectivos de grande pertinência para se perceber o que se passou na década de 40, em Portugal, em termos de surrealismo. Os capítulos que mais importam são os dois que se seguem: “Publicação do surrealismo português 1947-1948” e “O anti-grupo surrealista dos surrealistas dos anos 1948-1953”.

O primeiro destes capítulos, o único que aqui nos pode interessar e que sofreu acrescentos na reedição de 1985, que logo

se dirão adiante, dedica-se à formação e ao primeiro desenvolvimento do Grupo Surrealista de Lisboa. Do ponto de vista dele, as primeiras adesões ao surrealismo em Portugal, entre os novos, pois entre os menos novos outras se tinham, foram as de Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, António Domingues e João Moniz Pereira, estes dois chegados da adolescência escolar de Cesariny, da velha escola António Arroio, à Estefânia, e do café Hermíneos, nos arredores, cerca da praça do Chile, e o outro, O'Neill, um conhecido mais recente, descoberto já nas efusões do termo da guerra, no seio das primeiras reuniões do Movimento de Unidade Democrática (MUD), que acabara de ser criado e a que ambos, com vinte e poucos anos, haviam dado com entusiasmo adesão.

Na cronologia do livro da Secretaria de Estado da Cultura (1977: 45), o autor de *Pena Capital* indicou o ano de 1945 como o do encontro com Alexandre O'Neill – a que juntou José Cardoso Pires e Luiz Pacheco. Na cronologia inicial de *Intervenção surrealista* (1966), dita “Prolegómenos ao aparecimento de Dadá e do surrealismo”, a data confirma-se, com um acrescento – o ponto de encontro foi o café “A Cubana”, na Avenida da República. Na mesma cronologia, 1966, aponta o ano de 1942 e a Escola António Arroio para o conhecimento de António Domingues; no texto de 1973, que acaba por funcionar neste ponto como o alargamento comentado da cronologia inicial de *Intervenção surrealista*, junta João Moniz Pereira ao grupo de adolescentes, entre as aulas de desenho da escola António Arroio, com Falcão Trigoso, e as cegadas estudantis do café da Almirante Reis. Quanto a Luiz Pacheco sabemos que o ponto de encontro foi outro, ao menos na versão do autor de *O Libertino*, o Círculo de Amigos do Teatro, onde tinham lugar ações culturais do MUD. Passemos porém Luiz Pacheco, que só mais tarde, já na década seguinte, se cruzará com a história do surrealismo por-

tuguês, e ocupemo-nos das relações entre O’Neill e Cesariny, o primeiro nascido em Dezembro de 1924 e o segundo em Agosto de 1923, um ano e pouco de diferença, nada de significativo para dois actores de idêntico momento.

O’Neill, em entrevista dada ao jornal *Expresso* (21-9-1985), dá uma versão mais geral deste encontro não mencionando sequer o café da avenida da República, onde se sabe porém, por palavras suas, que ia nesta época, a do final da guerra, jogar bilhar (A. O’Neill, “Nota biográfica”, *Diário Popular*, 10-9-1959). Em 1985 diz ele: *Conheci-o [a Cesariny] através do Lopes Graça que tinha um grupo coral chamado Amizade, ligado aos movimentos juvenis da política. O Cesariny era membro do desdobramento juvenil desse coral. Nós andávamos pelo Barreiro, pelas colectividades, a cantar em grupo.* Importa pouco para aqui se o ponto de encontro dos dois foi o café da avenida da República, vivo na época, ou o grupo coral de Lopes Graça. Importa mais que Mário Cesariny se limita a dizer, tanto no rol de 1966 como no comentário mais largo de 1973, que foi no ano de 1947 que os quatro – Cesariny, O’Neill, Moniz Pereira e António Domingues – aderiram ao surrealismo. Em 1973 dirá que essa adesão foi a solução encontrada para rupturas, que vinham de trás, com o neo-realismo. Em 1946 Mário Cesariny fez a sua primeira colagem, desconstruindo de forma erótica, ele dirá *especiosa*, a imagem do general De Gaulle, a partir duma fotografia deste, escandalizando o grupo de Lopes Graça, nada permissivo, menos ainda em público, com brincadeiras indecorosas. Já no ano anterior, em 1945, Cesariny escrevera os poemas de *Nobilíssima visão*, onde a crítica ao neo-realismo, pelo menos ao neo-realismo vigente, era evidente. São as tais pequenas picardias a que Cesariny alude em 1973. Não diz porém como se deu a adesão ao surrealismo – e não o adianta nem em 1966 nem em 1973. Diz apenas que foi no ano de 1947 que se deu a entrada dos quatro

vintes no surrealismo e que foi ela que condicionou, ainda nesse ano, a formação do Grupo Surrealista de Lisboa, além de ter determinado outras adesões – Pedro Oom, António Maria Lisboa e Risques Pereira – imediatamente posteriores ao movimento.

Alexandre O’Neill, pelo seu lado, na entrevista dada ao semanário *Expresso* e já referida, adianta elementos para se perceber como do seu ponto de vista se deu a entrada do grupo dos quatro no surrealismo. Citamos: *Fui eu que comprei a História do Surrealismo do Maurice Nadeau e disse que tínhamos de fazer uma coisa daquelas. Foi uma descoberta de 1948, através do livro e da antologia que ele publicou. Foi um alvoroço, o surrealismo surgia-nos exaltante e libertador. O Cesariny fez a descoberta na altura, embora já escrevesse umas coisas com muito humor, que eram uma charge ao neo-realismo.* A data adiantada pelo entrevistado, vezeiro em lapsos, de resto inofensivos, está errada. Em 1948 já o Grupo Surrealista de Lisboa se fizera e quase desfizera. Do erro se deu conta a biógrafa do autor, Maria Antónia Oliveira, dizendo que O’Neill, como de costume, se enganara na data e recuando dum ano a descoberta do livro de Nadeau (v. *Alexandre O’Neill – Uma biografia Literária*, 2007: 58). A biógrafa recuperou no trabalho um outro testemunho de O’Neill, que reitera a importância do livro. Citamos O’Neill (id, 2007: 311): *Até tem piada, mas a verdade é que a ideia de formar um grupo [surrealista] nasceu da leitura do livro de Maurice Nadeau Histoire du Surréalisme. Lemos o livro, achámos que tinha um certo interesse e foi assim.*

De que se trata quando se fala de *Histoire du Surréalisme*, de Maurice Nadeau, livro que tanto parece ter contribuído, ao menos na visão ulterior de O’Neill, para o nascimento do surrealismo organizado em Portugal? Trata-se duma *história*, com tudo o que esta tem de limitado. Que limites são esses? Repetimos: há seqüências, as mais ricas, as mais fundas, as mais vivas, que não

são historiáveis; estão fora do que se pode historiar, num plano indelével, sem tempo e sem história; são os segmentos míticos, secretos, pré-históricos, remotos, que a vida de qualquer evento tem e que só a imaginação poética restitui ou desenvolve. Só à superfície um evento tem história; o seu fundo é mítico. Enganam-se os que pensam que traçar a história dum caso é compreendê-lo. O mais significativo fica ainda submerso, por apreender.

O livro de Nadeau, na edição de 1945, já que teve outras tiragens ulteriores com actualizações finais, faz a narrativa histórica do surrealismo francês entre o momento da sua criação e a estadia de André Breton em Nova Iorque, para onde fora, por causa da ocupação alemã da França, em Março de 1941 – e de que só regressará no meado de 1946. A história de Nadeau é a reconstituição objectiva – ou a sua tentativa – dum perfil exterior, sem cuidar daquela dimensão interior, que está além ou aquém da história. Um tal livro, não obstante tudo o que podia orgulhar quem se dedicara com tanta devoção ao movimento, não possuía condições para agradar plenamente a André Breton, que dos eventos, como poeta que era e acima de tudo se queria, tinha uma perspectiva mais mítica do que histórica.

Ficou um testemunho do autor de *Nadja*, de Junho-Julho de 1949, sobre o livro e que paga a pena restituir, já que nunca foi traduzido em portuguesa língua. Está no panfleto *Flagrant Délit*, em que Breton com fúria justificada escarpeliza um “inedito” fraudulento de Rimbaud, *La Chasse Spirituelle*, que tivera a caução de Maurice Nadeau, redactor literário do jornal *Combat*. Diz Breton – traduzo (1999: 804): *Já que M. Nadeau me obriga a fazer o balanço das minhas relações pessoais com ele, resumo-as. Não o tinha senão vislumbrado de raspão antes da guerra, a ponto de me ter esquecido do seu rosto quando me chegou a Nova Iorque o seu livro Histoire du Surréalisme. Por médiocre que fosse este trabalho*

de compilação, fosse qual fosse a falta de habilidade do autor em colocar o debate acima do anedótico, a despeito de lacunas graves e inexplicáveis que podiam comprometer a inteligibilidade do conjunto, feitas ainda todas as reservas ao tom “malandro” da narrativa, concorde com o gosto electivo da “tagarelice”, estimei que, à falta de melhor, o livro era oportuno e testemunhava de boa vontade. Foi sobre esta base que acreditei poder confiar no autor.

Esta mesma opinião sobre o livro, oscilando entre a crítica severa e a indulgência, foi reiterada em *Entretiens (1913-52)*, na parte final das entrevistas radiofônicas de André Parinaud (cap. XV), estas primorosamente passadas ao português por Ernesto Sampaio (A. Breton, *Entrevistas*, 1994). Reproduzo (1994: 209): (...) *certa História do Surrealismo não destituída de méritos mas estabelecida na base de testemunhos nem sempre confiáveis, apresentando além disso algumas inexactidões e lacunas bastantes perturbadoras. Onde se declara o espírito profundamente mal-intencionado do... historiador improvisado é, no final da obra, onde, depois de haver tentado – não será o último – virar contra mim o meu mais caro e mais antigo companheiro, Benjamin Péret, decreta que “só resta passar a certidão de óbito ao movimento surrealista”. Nunca se viu biógrafo mais apressado. Como ainda estava em Nova Iorque, quando a obra apareceu, ele aproveitou para fazer seguir esta declaração de um post-scriptum bilioso contra mim, apoiando-se nos últimos boatos. Contudo, disposto a acreditar que o haviam enganado, não lhe guardei ressentimento no meu regresso.*

Entre a severidade e a indulgência, entre o juízo negativo e a aceitação, e as duas existem na apreciação de Breton, a primeira domina de forma iniludível sobre a segunda, o que se entende, se soubermos que nos dois momentos em que se pronunciou sobre o livro, 1949 e 1952, Nadeau e Breton haviam ficado, por causa do Rimbaud de *La Chasse Spirituelle*, em dois

campos opostos, o primeiro, responsável pelo suplemento literário do jornal *Combat*, onde o texto foi anunciado com estrondo [*Combat apresenta hoje um excepcional documento literário que criamos perdido desde 1872 (19-5-1949)*], defendendo com intransigência a autenticidade do manuscrito, e por conseguinte validando a edição em livro que dele fizera o *Mercure de France*, e o segundo, com o faro poético apuradíssimo que tinha desde a mais tenra adolescência, impugnando-o com todas as energias. Talvez em 1945, no momento da saída do livro (Éditions du Seuil), Breton tivesse com ele outra clemência, sublinhando-lhe os lados positivos e desculpando-lhe as superficialidades; depois da controvérsia, inclinou-se a carregar os aspectos perfunctórios do livro, retirando parte do crédito que lhe dera. Quem cometera a vulgaridade de tomar por autêntico um manuscrito tão claramente fraudulento, o que depressa se provou, tinha de ficar à porta e do lado de fora.

Em 1947, no momento em que O'Neill e Cesariny, no relato do primeiro, acedem ao livro de 1945, a polémica com Nadeau ainda não estalara e a boa reputação do livro devia estar intacta. Não deixa porém de ser revelador o silêncio de Mário Cesariny, leitor activo e até ao final da vida de *Entretiens* (1952), onde a opinião mais castigadora de Breton se espraia, chegando a afirmar *en d'autres temps une telle avanie eût empêché à tout jamais critique de tenir une plume* (1999: 566). Quer na cronologia de 1966, quer no capítulo de 1973, nunca Cesariny, ao tratar da adesão dos quatro (O'Neill, Cesariny, Domingues e Moniz Pereira) ao surrealismo, se refere ao livro de Nadeau como ponto de partida ou levedura fosse do que fosse. Ainda assim alguma importância o livro terá tido em Lisboa, pois a cronologia de 1966 (v. *A Intervenção Surrealista*, 2.^a ed., 1997: 52) cita-o, na rubrica das obras publicadas em França no ano de 1945, ao lado de Péret, Gracq, Monnerot e Breton, que nesse ano, ainda

do outro lado do mar, publica nas edições Brentano's de Nova Iorque *Le Surréalisme et la Peinture*, versão muito ampliada e renovada do livro de 1928 com esse título. No mesmo ano e na mesma editora publica ainda Breton a primeira edição de *Arcane 17* – sem referência este na cronologia de Cesariny.

No meio disto, quer dizer, por um lado as declarações de O'Neill sobre o papel crucial do livro de Nadeau nas primeiras adesões ao surrealismo em Lisboa e por outro os meios silêncios de Cesariny sobre o mesmo livro, ponha-se mais um dado de interesse. Em carta de 1 de Outubro de 1947, numa altura em que Cesariny está em Paris, o que deve então suceder pela primeira vez, Alexandre O'Neill e António Domingues, em Lisboa, enviam-lhe uma lista de sete livros que o primeiro já tinha e que deviam ficar fora das compras de Cesariny, sendo um deles, o quarto, uma *Histoire [du] Surréalisme* – sem autor. Ora *Histoire du Surréalisme*, em língua gaulesa, nessa altura, só uma havia, a do jornalista Maurice Nadeau. Fica pois uma certeza: O'Neill já conhecia, antes do início do Outono de 1947, o livro de Nadeau. Que importância, porém, pode ter esse trabalho, perguntamos nós, no meio de seis outros livros, onde se encontram os *manifestos* de Breton, um livro de Freud e uma antologia de Lautréamont? Por via da divulgação, acessível e até fiel, alguma teria, mas de modo nenhum tão decisiva, tão funda, tão revolucionária, como a edição dos *manifestos* de André Breton – por certo na edição, importantíssima, de 1946, *Les Manifestes du Surréalisme, suivis de Prolégomènes à un Troisième Manifeste du Surréalisme ou Non* (Éditions du Sagittaire), base de todas as posteriores.

O'Neill mais tarde, em 1985, na entrevista ao jornal *Expresso*, dirá que o livro lhe chegou às mãos em 1948. Confirma-se pois, pela carta do princípio de Outubro de 1947, que a data está errada. Em que mês do ano de 1947, de Janeiro a Setembro,

conheceu o autor de “Um Adeus Português” o livro de Nadeau? Impossível, com os conhecimentos que hoje temos, responder. Sabemos porém pela carta que em princípio de Outubro já o livro estava nas suas mãos em Lisboa. Demais sabemos que Cesariny não devia estar assim tão a par dos livros do amigo, mesmo os de conexão surrealista, que eram os que mais lhe podiam interessar, já que O’Neill tem necessidade de lhos enumerar com pormenor. Aceite-se pois, até mais ver, que o livro de Nadeau terá tido destinos diferentes junto de O’Neill e de Cesariny, o primeiro grande entusiasta dele e o segundo mais comedido e frio na recepção.

Regressemos ao capítulo “Publicação do surrealismo português – 1947-1948” do texto de 1973, “Para uma cronologia do surrealismo em português”, que aqui seguimos. Já sabemos que a historiografia que aí é feita do surrealismo português tem na base a adesão dos quatro jovens – Cesariny, O’Neill, Domingues e Moniz Pereira – às ideias de Breton. Aí se diz que foram estas adesões que condicionaram as ulteriores e inclusive a formação dum grupo surrealista em Lisboa. Em abono desta linha, apresenta Cesariny extractos da correspondência de O’Neill com ele, cartas de 16 de Setembro de 1947 e de 1 de Outubro do mesmo ano, escrita esta com António Domingues, ambas para Paris, onde o destinatário se encontrava. Já se aludiu a esta segunda carta, que atesta a circulação do livro de Nadeau em Lisboa no Verão de 47. O trecho da carta de 16 de Setembro confirma por sua vez a intenção destes jovens formarem um grupo surrealista em Lisboa. Citamos (1985: 268): *Afirmou [Eugénio de Moraes Cardigos] que o surrealismo tinha raízes fascistas, era fascista, em suma. Respondi-lhe que ele ia ter, dentro em breve, uma óptima oportunidade de estudar o “fascismo” ao vivo, dado que o super-realismo ia ser (ah!) uma realidade em Portugal.* A carta de 1 de Outubro, escrita pouco antes do regresso de Cesariny – Moniz

Pereira só regressará em Novembro – a Lisboa, dá seguimento ao propósito da criação próxima, iminente mesmo, dum grupo surrealista em Portugal – iminente mas por acontecer, já que os remetentes, O'Neill e Domingues, querem falar com Cesariny *antes de qualquer outro elemento dum possível grupo a formar-se aqui.*

Segundo a informação do autor do texto, foi depois do seu regresso a Lisboa que se deram as primeiras reuniões do Grupo Surrealista de Lisboa. Do cruzamento dos vários dados, e sobretudo da carta de 1 de Outubro, uma coisa nos parece assente: O'Neill e Cesariny tiveram no Verão de 1947 um papel fundador neste grupo. O primeiro estabeleceu contactos em Lisboa de modo a alargar o núcleo inicial, chamando a si, de forma organizada, alguns dos que haviam andado com Cesariny nas adolescências da escola António Arroio, como Marcelino Vespereira e Fernando Azevedo, e palmando terreno junto dos mais velhos que em Lisboa se interessavam pelo surrealismo. O segundo, em Paris, teve segunda e não menos decisiva missão, contactar André Breton, muito ocupado então com a grande exposição internacional da galeria Maeght, “Le Surréalisme en 1947”, que inaugurou a 7 de Julho, para o pôr ao corrente da intenção da formação dum grupo surrealista em Lisboa, pedindo-lhe colaboração, e ainda sondar António Dacosta, outro mais velho que antes se interessara também pelas coisas do movimento.

Se recorrermos à cronologia de 1966, deparamos com um curioso parágrafo sobre a estadia de Cesariny em França no Verão/Outono de 47 (1997: 57). Fala de Dacosta e diz assim: *Mário Cesariny e João Moniz em França, onde contactam com Breton e com o grupo surrealista francês. Não encontram António Dacosta, radicado em Paris. Não procuram.* De qualquer modo há notícia contraditória sobre o contacto com Dacosta em Paris, como se verá no momento de tratarmos o segundo conjunto de Mário

Cesariny que aqui nos interessa, *Contribuição ao registo, nascimento e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa*.



Contribuição ao registo, nascimento e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa, opúsculo publicado pela primeira vez em Fevereiro de 1974, numa edição conjunta do autor/compilador dele e de Cruzeiro Seixas, e reeditado em 1985, no livro que aqui se segue, *As mãos na água a cabeça no mar*, é porventura a peça crucial para a historiografia do Grupo Surrealista de Lisboa. Nele se reúnem nove cartas, a mais antiga datada de 17 de Agosto de 1947 e a mais recente de 8 de Agosto do ano seguinte, e um documento do Grupo Surrealista de Lisboa, subscrito por oito nomes (O'Neill, Domingues, Pedro, Azevedo, Moniz, França, Cesariny, Vespeira), com a data de 29 de Abril de 1948, dirigido à Comissão Organizadora da III Exposição Geral de Artes Plásticas. Sobre este evento dissera assim em 1973 Cesariny: *Como actividades positivas do grupo (...) deve registar-se o escândalo introduzido em Abril do mesmo ano [1948] no seio da III Exposição Geral de Artes Plásticas, certame que reunia anualmente artistas politicamente adversos ao regime. Convidado a participar, e de boa mente disposto a fazê-lo, o grupo surrealista obriga-se a retirar, na véspera da abertura da exposição, a participação enviada (mais de três dezenas de quadros), visto a comissão organizadora ter aceitado à última hora uma censura prévia, imposta pelo governo, à exposição*. O documento de 29 de Abril é o aviso de recusa do grupo em participar na exposição.

Conheçam-se agora as nove cartas do opúsculo. Singularizo-as assim: uma de Alexandre O'Neill a M. Cesariny (16-9-1947; enviada de Lisboa para Paris); uma de Cândido Costa Pinto a M. Cesariny (1-10-1947; enviada de Lisboa para Paris); duas de O'Neill e António Domingues a Mário Cesariny (17-8-1947 e 1-10-1947; enviadas de Lisboa para Paris); uma de João Moniz

Pereira a M. Cesariny (6-11-1947; enviada de Paris para Lisboa); uma de M. Cesariny a Victor Brauner (8-1-1948; enviada de Lisboa para Paris); uma de Victor Brauner a M. Cesariny (15-1-1948; enviada de Paris para Lisboa), resposta à deste; uma de M. Cesariny a A. O'Neill e A. Domingues (5-8-1948; enviada de Lisboa para Lisboa); uma de M. Cesariny a António Pedro (5-8-1948; enviada de Lisboa para Lisboa).

Já conhece o leitor a importância da carta de 1 de Outubro de 1947 de O'Neill e Domingues a Cesariny. Por essa carta se fica a saber que o livro de Nadeau estava com O'Neill e que a criação dum grupo surrealista em Lisboa estava iminente, o que a também já conhecida de 16 de Setembro confirma. Nesta, dada a conhecer na íntegra no opúsculo de 1974, há elementos da maior relevância para a história da formação do Grupo Surrealista de Lisboa. Por um lado temos um conjunto precioso de informações do trabalho que O'Neill desenvolve em Lisboa e por outro ficam as indicações do que Cesariny faz ou pode fazer por Paris. Começemos por Cesariny. Transcrevo dois passos da carta relativos à missão deste (1985: 295): *Haverá, portanto, toda a conveniência em estabelecer ligações íntimas com o Breton (...). Ninguém melhor do que tu pode resolver, com habilidade, o problema das ligações. Confio em ti. Não é tudo mas é já muito.* O destinatário comentou assim o parágrafo (1985: 312): *O “problema das ligações”, como expressa A. O., foi saudavelmente reduzido, nos encontros que tive com André Breton no antigo Café da Place Blanche, na Galeria Cahiers d'Art e em casa do poeta, ao projecto de publicação em Lisboa de um pequeno caderno de colaborações surrealistas, portuguesas, entende-se, caderno que, pedia eu, seria apresentado pelo próprio Breton. Este foi inexcelável de simpatia pelo projecto, em suma bastante viável, pedindo apenas que lhe fosse indicado o número de páginas disponível e, um pouco, o carácter do texto que iria escrever.*

Houve pois encontros entre Cesariny e o autor de *Nadja*, e em três lugares distintos, café da Place Blanche (onde tinham lugar as reuniões restritas e alargadas do grupo surrealista de Paris, nas encostas de Montmartre), Galeria Cahiers d'Art e em casa do escritor, no número 42 da rua Fontaine, vizinha à Place Blanche, onde ele vivia desde 1922, e aí continuaria até à sua partida definitiva em Setembro de 1966, encontros porventura curtos – Breton tinha cinquenta e um anos e Cesariny vinte e quatro – e que se podem ter ficado pelas conversas sobre o texto introdutório para publicação surrealista que iria aparecer em Lisboa, projecto para ser visto no quadro das acções do grupo a criar pelos quatro (O'Neill, Cesariny, Moniz Pereira, Domingues). Viu ela, a publicação surrealista portuguesa, a luz, pergunta-se? Não, nunca chegou a ver. Ficou apenas projecto. Mais tarde se dirá porquê. Que mais fez Cesariny em Paris? Esplanadas, livrarias, concertos, exposições. O normal num jovem português culto de pouco mais de vinte anos que passa o Verão em Paris. Logo na primeira carta, ainda em Agosto, o remetente pergunta a Cesariny e Moniz: *Já viram a exposição surréaliste?* A exposição não pode ser outra senão a da Galeria Maeght, *Le Surréalisme en 1947 – exposition internationale du surréalisme*, que havia sido ideada ainda em Nova Iorque, entre Breton e Marcel Duchamp. A carta-convite, endereçada a 12 de Janeiro do ano seguinte, já com Breton em Paris, surge assinada pelos dois. Com montagem de Duchamp e Frederick Kiesler, a participação de 25 países, abre portas a 7 de Julho e assim ficou o Verão ou quase. Segundo notícia do catálogo *André Breton. La Beauté Convulsive* (v. A. B., *Oeuvres Complètes*, III, 1999: XXXIII), a exposição teve quarenta mil visitantes. Cesariny terá sido um deles; Moniz Pereira outro.

Talvez mais do que a mostra, o panfleto saído em Junho do mesmo ano, distribuído e afixado na exposição, “Rupture Inaugurale”, redigido por Breton e pelo seu grupo, deve ter toca-

do forte o jovem Cesariny, moldado pela propaganda política do partido comunista português. Na cronologia do livro de 1977 não se encontram referências à exposição da Galeria Maeght; ao invés o manifesto merece alusão. De resto o passo da cronologia relativo ao ano de 1947 é do maior interesse para se saber o que Cesariny andou a fazer por Paris nesse Verão. Citamos: *1947 – visita em Agosto André Breton, Victor Brauner e Henri Pastoreau. Encontra no surrealismo a teoria (prática) que melhor corresponde ao seu próprio caminho, na exaltação da imaginação, da liberdade e do amor como verbos sinónimos: manifestos “Rupture Inaugurale”, de 1947, e “À la Niche les Glapisseurs de Dieu”, do ano seguinte – de ruptura, o primeiro, com todo o sistema de obediência marxista-stalinista; de recusa, o segundo, de qualquer aparato teológico ou empatia devoradora (antropomórfica). Descobre Fourier (...)*. A descoberta de Charles Fourier, que terá sido decisiva para Cesariny libertar uma sexualidade reprimida pelo modelo edipiano patriarcal, e pela qual veio a pagar daí a pouco um preço muito elevado, tão alto que no fim da vida ainda o lastimava, chegou decerto através da primeira edição da *Ode à Charles Fourier*, de André Breton, que se acabara de publicar em Fevereiro desse ano, 1947, em Paris (Éditions de la revue Fontaine), e que devia estar em franca circulação – a edição foi copiosa, mil e cinquenta e cinco exemplares – nas livrarias de Paris no Verão em que Cesariny lá esteve pela primeira vez para tratar de assuntos relativos ao surrealismo. O texto de Breton, com duas fontes imediatas distintas, as obras do sociólogo oitocentista e as reservas índias do Arizona, é talvez a primeira, e decerto a mais poética até hoje, tentativa de reabilitar um pensador social que exigiu nada menos do que uma sociedade organizada para a satisfação integral das paixões sexuais humanas.

Sobre Victor Brauner (1903-1966), pintor judeu romeno, com quem esteve nesse Verão em Paris, e com quem se car-

teará no princípio do ano seguinte, dirá ele, Cesariny, na mesma cronologia de 1977 que foi o pictórico que, pela linguagem de primitivo, pelo interesse em tomar em mãos as chaves do oculto, mais o marcou, reorientando o seu trabalho com as tintas e o desenho para o *esquematismo mágico* das representações. Sobre Brauner acabara Breton de escrever em Julho de 1946, pouco depois do seu regresso a Paris, um texto forte, vibrante de impressões psíquicas, “Victor Brauner”, que atribui à pintura do romeno o poder exorcismal dos pentáculos. Mau grado a ruptura pessoal entre Breton e Brauner em Novembro de 1948, nunca o criador do surrealismo deixará de tributar à obra deste o reconhecimento que se vota à erupção dos mitos arcaicos. No momento da partida do picto-poeta, em 1966, dedicar-lhe-á Cesariny em definitivo – já que outra houve que se perdeu no tempo de Paris, ou logo depois – uma “Homenagem”. Em 1965, na reedição definitiva do livro *Le Surréalisme et la Peinture*, publicado inicialmente em 1928, reeditado depois em Nova Iorque em 1945, também André Breton prestara o seu preito ao pintor, integrando no terceiro capítulo do livro, “Fragments (1933-1961)”, dois textos sobre ele, um o já citado de 1946, agora com o título “Victor Brauner. Entre Chien et Loup...”.

Henri Pastoreau (1912-1996), o terceiro surrealista a que Cesariny alude, é caso distinto. Militante anti-clerical e membro do grupo surrealista de Breton desde 1932, tinha ele vinte anos, foi dos mais activos intervenientes na reconstrução do grupo aquando da chegada de Breton a Paris. Em Maio de 1947, no momento mesmo em que Sartre ataca o surrealismo na revista *Les Temps Modernes* (v. “Situation de L'écrivain en 1947”), Pastoreau, Georges Henein e Sarane Alexandrian criam o grupo *Cause*, que acabará por ser, por via de Pastoreau, um dos esteios do panfleto de 1948, “À la Niche les Glapisseurs de Dieu”. Mais tarde, em Fevereiro de 1951, por causa duma conferência de

Michel Carrouges (1910-1988) sobre o surrealismo no Centro católico dos intelectuais franceses, acabou por assumir uma dura polémica com Breton e Péret, de que ficou registo na resposta destes, *L’Affaire Pastoreau & cie (tenants et aboutissements)*, data-da de 16 Março de 1951. O encontro de Cesariny com Henri Pastoreau no Verão de 1947 pode ter acontecido por sugestão de O’Neill. Na carta de 16 de Setembro de 1947 O’Neill tem o seguinte parágrafo, que bem pode estar na origem do interesse de Cesariny pour Pastoreau: *Tenho em meu poder um manifesto que a Cause Surréaliste dirige aos super-realistas de todo o mundo. O exemplar não é meu. Vê se arranjas aí uns vinte ou 30 e manda-me. A morada é: 10, Rue Rosenwald, Paris XVème.* Ora Pastoreau foi um dos três secretários deste importante afluente do grupo surrealista de Paris no momento da sua re-constituição no pós-guerra.

Deixemos agora a acção de Cesariny em Paris e passemos ao labor de O’Neill, na mesma época, em Lisboa. Enquanto Cesariny estava em Paris que fazia ele? Por um lado dedicava-se a práticas surrealistas. É o caso daquelas que relata na carta de 17 de Agosto de 1947, e que foram descobertas e desenvolvidas em conjunto com António Domingues. É o caso ainda das colagens que noticia a Cesariny na carta de 16 de Setembro – com Azevedo e Vespeira por perto. Tudo a merecer a melhor atenção. Impossível porém aqui historiar tais práticas – naquela parte acessível e que se descreve. Por outro lado O’Neill está a cuidar do terreno com vistas ao colectivo de intervenção surrealista que ele, Cesariny, Domingues e Moniz, já tinham decidido criar e que virá a ser o Grupo Surrealista de Lisboa. Uma das missões que Cesariny e Moniz têm em Paris, e não das menores, é dar a conhecer esta intenção aos surrealistas de Paris, pedindo deles a colaboração – uma delas será o prefácio de Breton a colectânea dos portugueses. Ora em Lisboa O’Neill tem a mesma missão

junto de alguns mais velhos, o primeiro deles, Cândido Costa Pinto, então com trinta e seis anos. Nasceria a 20 de Maio de 1911, possuía talento plástico, adoptara modelos hipnagógicos para a sua pintura desde o início da década de 40 e tinha algum ascendente sobre os quatro jovens que aqui tratamos. Logo na primeira carta, de 17 de Agosto, O'Neill pergunta com viva curiosidade (1985: 290): *o Cândido expõe?* Por nota de Cesariny ao passo ficamos a saber que Cândido Costa Pinto chegou a enviar quadro para a grande exposição internacional surrealista de 1947, da qual dalgum modo fez parte. Foi por certo o único português presente – ainda que o quadro não tenha sido pendurado. Passo a palavra a Cesariny (1985: 311): *Embora inserido na Exposição Internacional Surrealista de 1947, o quadro enviado por Cândido Costa Pinto não foi exposto. Acho ainda insuficiente, ou até mesmo deslocada, a catalogação de “quadro mais obsceno do que erótico” à altura aplicada em Paris à obra enviada por Costa Pinto, catalogação a que este responde, não sem bravura, na carta que me dirige. O que acho é nula a situação surrealista (pacto ou impacto) deste pintor, e suponho a falta de espaço que terá criado quando era preciso expor Ernests, Arps, Mattas, Gorkis, Mirós.* Na cronologia inicial do livro *A Intervenção Surrealista*, Cesariny reitera que Costa Pinto fez parte da grande exposição de 1947, com o nome no catálogo, se bem que o trabalho não haja sido exposto. Citamos (1997: 55-56): *1947 – II Exposição Internacional do Surrealismo em Paris, apresentada por Breton e Duchamp. Grande parte da exposição significa o acentuado interesse dos surrealistas pela magia ritual e pelas forças mágicas do espírito. Cândido Costa Pinto, embora figure no catálogo, não figura no certame, com um quadro considerado mais obsceno do que erótico.*

Sobre o quadro enviado para Paris em 1947 por Costa Pinto, pronuncia-se este assim na carta que escreve a 1 de Outubro de Lisboa a Mário Cesariny, então ainda em Paris (1985:

299): *O meu quadro é tudo quanto possa imaginar-se de menos erótico ou erotizante. Não se compara com os livros do Marquis de Sade que Monsieur Breton cita com insistência nem com O Amante de Lady Chatterly de Lawrence, etc. É uma opinião própria de um grande senhor da corte de Louis XV, beijador de mãos de damas putas.* Foi esta passagem que mereceu do destinatário a classificação de *bravura* – embora não dando crédito surrealista ao seu trabalho. É por essa carta e pelos comentários a que dá origem, sobretudo na nota (15) apensa à edição de 1985, que sabemos que Cesariny terá procurado e estado com Dacosta em Paris, recebendo dele dinheiro devido a Costa Pinto e comprando por indicação deste um lote de livros que deviam compor a estante do grupo a criar. Ao que Cesariny confessa na referida nota adquiriu com esses francos havidos três números da revista *Minotauro*, dois do *Surréalisme au Service de la Révolution*, e ainda livros, catálogos, revistas e manifestos não discriminados.

Na segunda carta de O'Neill, a sós, de 16 de Setembro, volta-se a falar em Costa Pinto. O relato é extenso e faz dele um retrato quase em corpo inteiro. Tem a vantagem de nos restituir o ponto de vista dum dos fundadores do Grupo Surrealista de Lisboa na época que imediatamente antecedeu a sua formação. Percebe-se o ascendente mas também a desconfiança. Damos a palavra ao remetente (1985: 293): *Peço-te que me informes, urgentemente, dos motivos que te levam a “entrar”, em todas as tuas cartas, com o Cândido Costa Pinto, porque pode haver “coisas” que eu desconheça, “coisas” de peso, e convém-me saber qual a atitude a tomar envers le chevalier. Até aqui as nossas relações, sem haver grande intimidade, são no entanto íntimas. Peço-te que me informes. A opinião que formo do tipo é a seguinte: sujeito que teve uma vida difícil e que quer conservar a mediana confortabilidade que “cavou”. Isto dá-lhe umas certas características conservadoras e “prudentes” dentro daquele aspecto revolucionário que de facto tem,*

aspecto revolucionário, claro, condicionado e para “uso interno”. Por outro lado, acredito na sua honestidade e “bom senso...”, parecendo-me até, um companheiro “razoável”. (Tem sido, não sei se com objectivo oculto, amabilíssimo com o Domingues, arranjando-lhe trabalho (de publicidade) e dando-lhe conselhos de ordem técnica e tática). Não acredito que ele possa colaborar connosco na obra que temos de fazer. É possível que contribua com algo, pois tem, com certeza, aspectos positivos. Ficaré pelo caminho... Isso não tenho dúvidas. Formalista como é (penso eu) e com os condicionamentos já apontados, não aguentará o transe (não esqueçamos que o bicho tem, além do que já aponte, 32 anos de idade...). Mais uma vez O’Neill se engana nas contas. Costa Pinto no Verão de 1947 não tinha 32 mas 36. Nascera em 1911, não em 1915. Lamenta-se que as cartas que Cesariny escreveu a O’Neill e que este refere neste passo, cartas onde Cesariny se “mete” com Costa Pinto, cartas do esplêndido Verão de 1947, não sejam conhecidas. O que de todo se espera é que ainda apareçam. A sua publicação dará um novo e mais largo subsídio para a história que aqui se traça.

Fosse ou não um companheiro “razoável”, certo é que Costa Pinto depressa ficou pelo caminho – ou nem sequer chegou a entrar. Quando Cesariny regressa de Paris, no meado de Outubro de 1947, já ele saíra borda fora – e essa terá sido a razão para nunca ter visto os livros que em Paris o seu dinheiro comprou. Na carta de 1 de Outubro, O’Neill e Domingues explicam assim o assunto para Paris (1985: 301): *Cândido fora da carroça! Teimosia em colaborar com... Caso perfeitamente esclarecido: procede sem contares com o Costa Pinto. (...) Importante: Costa Pinto diz que lhe foi confiada pelo Breton a formação dum grupo aqui o que é impossível – pelo menos com a nossa participação.* Pergunta o leitor: pertinácia em colaborar onde e com quem? Responde o próprio, Costa Pinto, na carta que, no mesmo dia,

escreveu para Paris, respondendo decerto a pergunta do destinatário (Cesariny) (1985: 299): *Resolvi de facto ir às exposições do S.N.I. (...). Paris não pode julgar-me sem elementos para isso. As condições de vida do pintor são aí completamente diferentes das de Lisboa. Enquanto em Paris as galerias fazem a fama dos pintores à sua custa, aqui não há... galerias a não ser a do SNI.* Colaboração pois de Costa Pinto com o Secretariado Nacional da Informação, que prosseguiu o Secretariado Nacional de Propaganda, ambos dirigidos por António Ferro e pelos poderes da época. Embora a colaboração de Costa Pinto nos certames do SNI não seja assim tão singular entre os pintores da oposição, e até entre aqueles que vieram a fazer parte do Grupo Surrealista de Lisboa, não fica nada mal esta intransigência inicial aos jovens que queriam o grupo.

José-Augusto França, no caderno editado no início de 1949, *Balanço das actividades surrealistas em Portugal*, deixou parágrafo sobre o caso, ainda que com olhos seus nada deva ter visto, pois no momento da saída de Costa Pinto, a 1 de Outubro de 1947, ainda não se dava notícia dele – e desta não notícia se dirá ainda algo. Avança França sobre o afastamento de Costa Pinto: (...) *Cândido Costa Pinto, ligado primeiramente ao movimento, teve que se afastar, por razões de coerência e de força maior (...).* Ligado primeiramente ao movimento, diz França. De que modo ligado, pergunta o leitor? Pelos contactos havidos em Lisboa entre ele e O'Neill no Verão de 1947? Pela carta escrita a Cesariny e que hoje conhecemos pela edição de 1974? Pelos livros comprados com os francos que eram dele? Por isso e ainda por mais. Numa nota de 1985 ao texto de 1973, “Para uma cronologia do surrealismo em português”, Cesariny adianta segmento indispensável para se perceber “esse mais” (1985: 267): (...) *em Junho de 1947 Cândido Costa Pinto e António Dacosta assinavam em Paris o manifesto colectivo Ruptura Inaugural, que determinava*

ao movimento surrealista o afastamento de toda e qualquer filiação partidária, assinaturas que publicavam internacionalmente a existência de, pelo menos, um núcleo surrealista português, formalizada nos dizeres da contracapa do manifesto, impresso em Julho de 1948.

Logo Costa Pinto foi um dos subscritores do valioso manifesto de 1947. Daí a informação de O'Neill, a 1 de Outubro, afirmando que ele se dizia mandatado por Breton para formar um grupo surrealista em Lisboa – o que de resto Cesariny parece confirmar na nota de 1985. Continuamos a citar (1985: 267): *Cândido Costa Pinto, participando na Exposição Internacional Surrealista de 1947 na Galeria Maeght, com obra entretanto considerada mais obscena do que erótica pelos responsáveis da exposição, o que levou à não penduração da obra, foi o primeiro e provavelmente o único a apresentar a André Breton o propósito de formação de um grupo surrealista aqui, sendo segundo nisso, infelizmente, o autor destas linhas, mas apenas na ideia-projecto de publicação de um Boletim Surrealista a sair em Lisboa com o primeiro número apresentado por Breton, projecto a que este aderiu sem reservas, pedindo apenas que lhe fosse indicada a maior ou menor extensão do texto a ser enviado; enfim, e não menos curioso, os encontros de Alexandre O'Neill e Mário Cesariny com Cândido Costa Pinto entretanto regressado a Lisboa, obtiveram deste último o máximo de colaboração (inclusive em dinheiro para compra de livros nunca antes chegados a Portugal), para contactos dos dois primeiros com o grupo surrealista em Paris, para onde Moniz Pereira partiria em Julho e Mário Cesariny em Agosto de 47.*

Deste passo algumas informações esclarecedoras, da maior importância, se tiram no que ao Grupo Surrealista de Lisboa respeita. O primeiro português, e parece que único, que falou a Breton em formar um grupo surrealista em Portugal, sediado em Lisboa, foi Cândido Costa Pinto. Se outro mérito este pictórico não tem, o que não é líquido, com este fica. Cândido

Costa Pinto esteve na Primavera de 1947 em Paris, onde tomou conhecimento do manifesto *Rupture Inaugurale*, subscrevendo-o, e no regresso teve contactos estreitos com O'Neill e Cesariny, acabando por ser ele a fonte dos contactos surrealistas, e até o móbil, de Cesariny e Moniz Pereira em Paris. O papel de Cesariny junto de Breton, numa altura em que este estivera já com Costa Pinto e por ele tivera notícia dum grupo a formar-se em Lisboa, será pois pedir a sua colaboração para uma das acções do referido grupo reputada pelo português essencial, a edição dum boletim português de colaboração surrealista, cujo número de estreia contaria com a apresentação de André Breton. O projecto, algum tempo depois do regresso a Lisboa, no primeiro semestre de 1948, foi abandonado. Logo se verá por quê. Desde já se diga que esse abandono terá sido porém uma das razões fortes que levou Mário Cesariny a desvincular-se do Grupo Surrealista de Lisboa em Agosto de 1948 e de que dão nota as duas últimas cartas do opúsculo de 1974, a primeira escrita a O'Neill e a Domingues em 5 de Agosto e a segunda, a da ruptura, escrita a António Pedro em 8 de Agosto.

Regressemos à carta de O'Neill a Cesariny de 16 de Setembro de 1947. Nessa carta fala-se pela primeira vez de António Pedro, então com trinta e oito anos, só mais dois do que Pinto, e uma deriva sem fim por movimentos antagónicos; começara como simpatizante da ditadura do 28 de Maio, adepto do fascismo de Rolão Preto, e acabara, durante a guerra, em Londres, locutor anti-nazi da BBC. António Pedro não é desconhecido nosso; já dele falámos. Na nota introdutória apontámos uma carta escrita por António Maria Lisboa a Benjamin Péret, que no Outono de 1949 Henrique Risques Pereira leva para Paris e onde em determinado passo se fala do *Grupo de António Pedro*. Este grupo é o Grupo Surrealista de Lisboa, mas já sem Cesariny e Domingues. Que diz O'Neill a propósito de António Pedro

na carta em que pela primeira vez se lhe refere? Damos-lhe a palavra (1985: 294): *Do António Pedro, além do que é do domínio público (e não é muito) não conheço quase nada. Parece-me um “queimado”, um “mula velha”, com aspectos muito mais conservadores e formalistas do que os do C. Pinto. Posso estar em erro mas é essa a minha impressão.*

António Pedro e Cândido Costa Pinto eram entre os seniores aqueles que, estando à mão, já que residiam em Lisboa no ano de 1947, mostravam afinidades formais e até contactos directos com o surrealismo. Costa Pinto, que tinha facilidade plástica muito acima dos congéneres, importara modelos hipnagógicos, que pusera a correr na pintura portuguesa na primeira metade da década de 40 e que não terão sido assim tão indiferentes ao Breton da Primavera de 1947. Daí a missão que ele diz haver-lhe sido confiada – criar um grupo surrealista em Lisboa. António Pedro, que assinou em 1935 o “Manifesto Dimensionista”, Paris, ligou-se durante a guerra ao grupo surrealista de Londres, expôs em Lisboa com António Dacosta ainda no ano de 1940 obras que Cesariny diz (1985: 264) de “evidente integração surrealista” e publicou em 1942 a novela *Apenas uma Narrativa*, que Jorge de Sena porá, com óbvio exagero, nos píncaros da prosa surrealista. Curioso que este impressionante currículo, por certo conhecido na Lisboa de 1947, não tenha tocado por aí além o remetente que não recua em classificar o autor de *queimado* e de *mula velha, com aspectos muito mais conservadores e formalistas do que os de C. Pinto*. Nesta altura Costa Pinto, aureolado pela proximidade em que andara com Breton na Primavera desse ano, tocado pelo semi-reconhecimento que obtivera na exposição internacional da galeria Maeght, onde estivera vai-não-vai por se tornar no único português a expor, parece intocável. Daí a expectativa de O’Neill na carta de 17 de Agosto: *o Cândido expõe?* Não expôs

– mas em Lisboa, no momento, era como se expusesse. Bastava ter o nome no catálogo para ser assim.

As coisas vão mudar e na carta de 1 de Outubro a posição dos dois seniores já se inverteu. O facto de Costa Pinto não ter sido pendurado na galeria Maeght pode ter ajudado à troca. Afinal as relações de Breton e Costa Pinto não eram tão estreitas como se pensara em Lisboa no final da Primavera. Em 1 de Outubro já Costa Pinto por causa do S. N. I. fora afastado. *C. Pinto fora da carroça* – diz O’Neill. Para compensar a quebra, o outro sénior, António Pedro, ganha novo valor aos olhos de O’Neill e de Domingues; está muito longe de ser o *queimado e mula velha* de Setembro. De desconhecido com lados *muito mais conservadores e formalistas do que os de Costa Pinto* passa a parceiro incontornável. Citamos (1985: 301): *Ficaram combinados, dentro duma base de não compromisso mútuo – o que nós mesmos queríamos – encontros semanais com o António Pedro, elemento útil para informações sobre o grupo super-réaliste inglês, sobretudo, e outras.* Antes Pedro era um senil intratável, agora “elemento útil”, que merece respeito. Tudo isto se passa enquanto Cesariny está em Paris; por isso, mais tarde, num texto de 1950, só vindo a lume no livro *A Intervenção Surrealista*, “O Crítico J.-A. França e a Exposição”, anotarà em rodapé o seguinte (1997: 150): *Embora as aparências, António Pedro nada teve a ver com o propósito de formação de um grupo surrealista aqui. Nele interveio primeiro Cândido Costa Pinto, que foi do dito grupo (em formação) irradiado. Acresço que sou alheio, tanto à expulsão de Costa Pinto quanto à admissão de António Pedro, uma e outra acontecidas estava eu em França.*

Quando Cesariny regressa a Lisboa, Outubro de 47, o grupo está neste pé: à quadra inicial (Cesariny, Domingues, Moniz, O’Neill), juntavam-se agora Azevedo, Vespeira e António Pedro. Na nota 12 do opúsculo de 1974, Cesariny fala dum proto-grupo surrealista. Citamos (1985: 312): *Chegado a Lisboa expus este pla-*

*no ao proto-grupo surrealista, do qual fora entretanto afastado Cândido Costa Pinto e no qual entretanto se integrara António Pedro. A certeza é pois esta: antes do Outono de 1947, Cândido Costa Pinto é o primeiro nas actividades preparatórias, que antecedem o nascimento do Grupo Surrealista de Lisboa. É ele que está com Breton em Paris – acabara este, poucos meses antes, de regressar do exílio para onde fora em 1941 – e é ele que logo no regresso a Lisboa põe em contacto, fornecendo as indicações necessárias, Moniz Pereira e Cesariny com Breton, com o resultado que já se conhece – colaboração deste num boletim surrealista a editar em Lisboa no quadro das actividades do grupo a formar e de que Breton já houvera notícia pelo informe de Costa Pinto. Depois de Outubro, Costa Pinto desaparece e o seu lugar é ocupado por António Pedro. Na carta que Moniz Pereira escreve de Paris, onde ficará até meados de Novembro, a Cesariny, com a data de 6 de Novembro, confirma-se a ascensão dum e o apagamento do outro. Assim (1985: 302): *Estou completamente de acordo com a vossa atitude com o snr. Cândido [-] o que não julgaria capaz era o rompimento do António Pedro com ele mas desde que isso se deu, felizmente para todos nós porque julgo o A. Pedro como pessoa duma utilidade indispensável para o surrealismo em Portugal (...). Uma outra vantagem da posição do A. Pedro, são as relações com o grupo surrealista inglês em que eu vejo um grande interesse.* Para bem dizer, no Outono de 1947, todos parecem aliviados com a saída de Pinto e a chegada de Pedro, de quem muito esperam. O'Neill fala em “elemento útil”; Moniz refere, além da ousadia, a “utilidade indispensável para o surrealismo em Portugal”.*

Um passo de Mário Cesariny, este no texto de 1973, “Para uma cronologia do surrealismo em Portugal”, faz datar de Outubro de 1947 o nascimento formal do Grupo Surrealista de Lisboa. Consumada a partida de Pinto, carimbada a entrada de Pedro, o grupo arranca com reuniões regulares em casa de Antó-

nio Pedro, a única disponível, já que todos os outros, incluindo Cesariny, se abrigavam sob a telha da família – ou próximo. As reuniões, marcam o arranque do grupo. Citamos (1985: 269): *Em todo o caso, é neste mesmo mês de Outubro que o grupo tem as primeiras reuniões, a que assistem, em casa de António Pedro, Alexandre O'Neill, Mário Cesariny, António Domingues, Fernando Azevedo, Vespeira. João Moniz Pereira, regressado de França no mês seguinte, e José-Augusto França, desde o início de 48, passam a participar delas, este último por proposta de António Pedro.* Eis então o Grupo Surrealista de Lisboa formado e em actividade. Um novo nome nos aparece aqui, José-Augusto França, de resto já por nós citado como autor dum *Balanço das actividades surrealistas em Portugal* de 1949. Chegou ao grupo por iniciativa de António Pedro e já no ano de 1948. Mais tarde se verá, posto que de forma muito indirecta, o lugar que lhe pode ter cabido por direito próprio e não apenas como escora do patrono. Por agora confirme-se apenas aquilo que vem de trás: França no momento de saída de Pinto e da entrada de Pedro nada parece ter visto com os olhos dele. Só chegará ao grupo no início do ano seguinte e por convite de Pedro, não dos outros – os iniciais.

Para já pergunte-se: o que foi feito do boletim surrealista, ao que se sabe o único ponto de debate entre Cesariny e Breton em Paris nos encontros que mantiveram no Verão de 1947? Este boletim na época foi um dos objectivos mais prementes do grupo português ou do proto-grupo ou de Cesariny dentro dele. É de crer que de regresso a Lisboa, no momento em que arrancam as reuniões em casa de Pedro, em Outubro de 47, Cesariny tenha desejado com entusiasmo concretizá-lo. Não era ocasião de somenos, para desperdiçar, obter um texto de Breton. Lendo a correspondência que pouco depois, em Janeiro de 1948, Cesariny troca com o pintor Victor Brauner, que também frequenta

ra em Paris no Verão anterior, percebe-se que o boletim passara de singelo caderninho a revista internacional de grande formato. Em lugar de simples colaboração lusa introduzida por Breton, tratava-se ora de recolher participação de Paris, Londres e Nova Iorque. O projecto deixara de caber a um jovenzinho de vinte e quatro anos, Mário Cesariny, para cair nas mãos dum homem de quase quarenta, com duas décadas de publicação em livro, António Pedro. Assim como assim, o acanhado jovem não parece levar a mal o ancião, ao menos de momento, falamos de Janeiro de 48, a largueza de propósitos; antes se julga empenhado em ajudar o mais velho na tarefa.

Tem a palavra Cesariny (1985: 305): *O Brauner sabe já que António Pedro, que me trouxe o seu abraço, está a preparar a publicação, em Lisboa, de uma revista surrealista com colaboração internacional. Não esqueça a colaboração francesa e diga a Breton que para nós será uma grande alegria aparecer, como grupo surrealista, com todos vós.* “Revista surrealista com colaboração internacional” diz Cesariny e já não “pequeno caderno de colaborações surrealistas portuguesas”. Na resposta de Victor Brauner a Cesariny, datada dalguns dias depois, 15 de Janeiro, voltamos a dar notícia da novel publicação. Citamos (1985: 306): *Neste momento tenho quase tudo reunido para a “Variante” e amanhã sexta-feira farei entrega a Mlle. Kleinberg, que me foi apresentada por António Pedro. – Apreciaria muito que tomasse em boa conta as nossas sugestões e sobretudo as de Breton que anda em viagem. (– Explicarei tudo isto a Mlle. Kleinberg. –) É também indispensável ter documentos gráficos de: Tanguy, Ernst, Miró, e de todos os nossos amigos da América, e se por qualquer razão António Pedro não pode obtê-los, devem escrever-me e dizê-lo que eu tratarei da sua obtenção.* Informação preciosa neste passo: o pequeno e despretensioso caderno do Verão de 1947 tornou-se em Janeiro do ano seguinte em número da revista *Variante*. Compreende-se.

Pinto saltara entretanto do barco, ou a isso fora empurrado, e para ocupar o lugar vago entrara outra cabeça branca, António Pedro. Ora *Variante* era publicação do novo graduado, revista dele, que ele fizera em 1942 e 1943 e de que apareceram dois números. Pergunta o leitor: publicação surrealista? Não, não era surrealista. Veja-se o texto de apresentação do primeiro número, assinado por Pedro (Daniel Pires, 2000: 589): *Variante convida às suas páginas todos os Artistas e Críticos do mundo que sejam contemporâneos do seu tempo. Não toma posição de escola ou partido e serve-lhe para único compromisso um corte de relações com as múmias de todas as escolas e de todos os partidos. É uma revista de arte viva.* Revista de arte, revista contemporânea, revista sem escola, revista sem partido, revista eclética, onde tanto colaboram Carlos Queiroz e António de Navarro como Fernando Amado e Lopes Graça.

Como evoluiu o negócio do novo número da revista *Variante*, esse em absoluto surrealista, com colaboração de língua francesa e inglesa, e gizado no final do ano de 1947 ou no início de 48, momento em que o caderninho inicial se transforma num grande plano de dimensão internacional? Seguiu mal. Nada se publicou. Cesariny não explica por que razão tudo deu em nada, ou melhor, explica, reduzindo o fracasso ao denominador mais simples – Pedro desinteressou-se do assunto e passou à frente. Não é para admirar que o desinteresse, que pode ter demorado um tanto a chegar, tenha sido uma das razões fortes para Cesariny bater com a porta ao grupo pouco tempo após, início de Agosto, tentando levar com ele O'Neill e Domingues, o que não obteve, pois só Domingues o acompanhou. O boletim, na versão local inicial, constituía, tudo indica, iniciativa dele; demais, fora levado muito a sério na sua estadia em Paris. Diga-se claro: não foi a passagem do boletim a número da revista *Variante*, que de início até apadrinou, como se vê pelos esforços leais junto de

Victor Brauner, que descontentou Cesariny; o que sumamente lhe desagradou foi o esquecimento em que tudo, algum tempo depois, à ligeira, caiu. Na nota 12 do opúsculo de 1974, já atrás referida a propósito dos encontros com Breton em Paris e da ideia dum *proto-grupo* no momento da chegada a Lisboa em Outubro de 1947, Cesariny desenvolve o caso assim (1985: 312): *Este último [António Pedro], em viagem relâmpago a Paris, transforma o meu modesto plano na ideia, grandiosa, de fazer reaparecer a revista Variante como revista surrealista internacional. Com esta ideia gigante António Pedro entreteve suficientes serões, um por semana, do Grupo Surrealista de Lisboa, após o que se desinteressou da ideia, devolvendo-se a colaboração já recebida de Paris, Londres e Nova Iorque. Serviço inestimável, e inesquecível, este de transtornar uma publicação alçapremando-a a revista de “grande classe”, e atirar com o projecto de ambas para o caixote, enquanto os surrealistas de Paris, Londres e Nova Iorque, falhou a Índia e o Peloponeso, levam na cara com a devolução. Pouco depois António Pedro aderiria sem esforço à edição da revista Unicórnio, publicação sumamente aprazível, sem nenhuma inscrição surrealista, nacional ou estrangeira, precisa para nada, e local onde os ainda não contemplados Sena e Cavalos da Costa teriam enfim coluna.*

Unicórnio, que tinha como subtítulo *antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos*, publicou-se em Lisboa, em Maio de 1951, e foi seguida por mais quatro “córnios” (*Bicórnio*, *Tricórnio*, *Tetracórnio* e *Pentacórnio*), publicados entre Abril de 1952 e Dezembro de 1956. Não anda longe de *Variante* e até de *Litoral* (1944-45), e teve uma legião de colaboradores, muitos coincidentes com os das antecedentes. O surrealismo internacional é inexistente; neste ponto a revista nada mais pretende do que estar a par, seja surrealista ou não – e em geral não. No primeiro número Jorge de Sena conduz um inquérito sobre André Gide, a que respondem, entre muitos outros, José Régio, Delfim

Santos e Eduardo Lourenço. No segundo número, novo inquérito, desta vez conduzido por Eduardo Lourenço e subordinado ao tema “Como vivem os intelectuais portugueses a sua relação com a cultura passada em Portugal”, a que respondem António Sérgio, Afonso Botelho, Hernâni Cidade e muitos outros. No número seguinte mais uma pasta, sobre o “Homem Revoltado”, a que respondem, entre outros, Eduardo Lourenço, Delfim Santos e José Marinho. O quarto número é todo ele ocupado pela pasta, “Meio século XX de literatura portuguesa” e por um inquérito, “Quais os livros que vale a pena ler? Quais os livros que valeu a pena escrever?”, com vinte respostas. No derradeiro número, nova pasta temática, “Para um conceito actual de modernidade”, a que respondem, entre outros, António Quadros, Carlos Eduardo Soveral e Óscar Lopes. Como se percebe, “surrealismo” é coisa que não se encontra com facilidade na publicação. Na verdade, de surrealismo, talvez só um texto de Fernando Azevedo no *Tricórnio* e o verso de Alexandre O’Neill, antes de mais o adeus a Nora Mitrani, dado a lume em Maio de 1951, no primeiro número. Aceite-se pois por quase certa a avaliação de Cesariny sobre a revista – *sem nenhuma inscrição surrealista*.

Quem dirigiu e ideou a publicação? José-Augusto França. Voltamos pois a tomar contacto com o jovem grumete. Já sabemos que este rapaz, nascido em 1922, apareceu no Grupo Surrealista em momento adiantado da vida deste – em Janeiro de 1948, segundo Cesariny, em Outubro de 47, segundo ele próprio. Certo é que foi levado por António Pedro. Certo também que nas andanças da Primavera/Verão não se dava conta dele. Ora em Janeiro de 48 estava a revista *Variante* em cima da mesa, com o desenvolvimento que já se conhece. Teve França responsabilidade no fim do projecto? Já ideava neste momento aquilo que viria a ser *Unicórnio*? Foi ele que meteu o bichinho do “desinteresse” a Pedro? Foi por ele que se desistiu do número que

tanto entusiasmava ainda Cesariny em Janeiro de 1948? *Unicórnio* veio substituir *Variante* surrealista? Impossível dizer. Uma certeza: a revista que apareceu em Maio de 1951 é um decalque, ou uma flagrante continuação, da revista feita por Pedro em 1942/43. Outra certeza: uma publicação como *Unicórnio*, com cerca de vinte colaborações em texto e três *hors-textes*, não se faz duma semana para outra – menos ainda no tempo do caixotim. Saiu em Maio de 1951 mas foi pensada antes – ou até muito antes. Outra ainda: o surrealismo, entre 47 e 49, é só, entre as duas, *Variante* e *Unicórnio*, um parêntese e curto. Nem uma nem outra se podem avaliar como surrealistas. O resto – teve ou não França responsabilidades no fim do projecto de Janeiro de 1948 – não tem resposta. Ponto final.

Ao invés, sabe-se que António Maria Lisboa, no momento de escrever a Péret, no Outono de 1949, missiva que Risques Pereira leva para Paris, e traz de volta para Lisboa, já que Péret andava por fora, classifica de passagem, ao falar de António Pedro, o jovem França. Assim (*Poesia de A. Maria Lisboa*, 1977: 256): *António Pedro continua “um grande homem da Arte”!..., confessadamente contra o que ele chama o “surrealismo ortodoxo” e contra o “automatismo”*. *J. A. França um Racionalista-idiota*. Uma pergunta se impõe: calúnia de Lisboa contra França? Que António Pedro, nascido em 1909, com uma obra em registos vários, podendo ser dita para muitos gostos, se não para todos, seja “um grande homem da Arte” não parece excessivo nem despropositado. Ele próprio se reconheceria porventura na perífrase. Agora apodar José-Augusto França de *racionalista-idiota* fia mais fino. Repare-se que Lisboa não diz racionalista e idiota mas sim *racionalista-idiota*. França, segundo o autor da missiva, prima pelo racionalismo; é este sistema que faz dele “idiota” – o que se compreende vindo da parte dum homem, Lisboa, empenhado em impugnar, em nome dum real outro, absoluto, a razão ins-

trumental e a racionalidade prática. Logo a questão está apenas em saber se José-Augusto é ou não um racionalista – e se o é já em 1948/49.

França foi um divulgador, um crítico de cinema e de arte, um ensaísta de temas culturais. Além dalguma crítica jornalística nessa época – fez por exemplo, entre 1949 e 1952, muita crítica diletante na revista *Seara Nova* (v. “bibliografia”) – foi autor no início de 1949, quando o Grupo Surrealista de Lisboa ainda semi-existia, mas já sem Cesariny, do caderno já citado *Balanço das actividades surrealistas em Portugal*. Deste texto há um passo que nos parece representativo do conjunto. Basta a parte, para se tomar o pulso ao todo. Cite-se (1981: 34): *É de notar que se tem evitado cuidadosamente empregar o termo “Grupo” ao qual se tem preferido “Movimento”. Com efeito, embora “Grupo” não significasse aqui mais do que uma realidade geográfica (Grupo de Lisboa, por habitar Lisboa), sempre haveria o perigo de polemicamente lhe supor uma qualquer intenção de hermetismo ou de auto-satisfação. É claro que esse perigo terá de futuro que ser posto de parte, como ridículo, e a palavra há-de aparecer, indistintamente, como significando também “Movimento”. No entanto, esta última, a todos os títulos mais exacta, além de englobar o sentido surrealista de “Grupo”, por si própria já, por definição, anuncia a irradiação daqueles que deturparem uma efectiva marcha surrealista, em favor de qualquer mística ou, por outro lado, de qualquer mitologia – casos que sempre poderão acontecer. Disto se poderá concluir que organizar um Movimento Surrealista não só não envolve qualquer esoterismo, como também não é algo que se termine como uma tarefa, mas, pelo contrário, é algo que em todo o momento se elabora com problemas que dialecticamente se repõem – porque, sendo movimento, não pode deixar de se mover.*

Percebeu o leitor? Não é fácil, reconhecemos. Uma coisa porém se entende: França está ferozmente contra o esoterismo,

contra o que possa ser tido como deturpação mística e mítica daquilo que ele chama a *marcha surrealista*. Que entende ele por “irradiação”? Por certo erradicação, expulsão. Gaspar Simões, que ajuizou do caderno num texto da época (*Sol*, 23-7-1949, pp. 4 e 9), viu-o assim: *os rapazes de hoje, mesmo quando querem acertar o passo pelas doutrinas irracionistas, marcham com cadência racional*. (De passagem avaliou as restantes obras do Grupo Surrealista de Lisboa, O’Neill e António Pedro, como *pequeninas, escolares e aplicadamente ortodoxas*). Aceite-se que António Maria Lisboa, ante o arrazoado do *Balanço*, tenha classificado o autor de racionalista-idiota. Aceite-se ainda que Breton e Péret, quando puseram olho no caderno, tenham ficado pasmados e confundidos. Lisboa esteve a primeira vez em Paris em Março/Abril de 1949. A missão é a mesma de Risques Pereira, meses mais tarde: levar notícias a Breton e ao grupo francês do Grupo Surrealista de Lisboa e da criação, na cidade, dum novo colectivo, “Os Surrealistas”. Na primeira carta que escreve aos amigos diz: *Péret acha confuso o “Balanço”*. Pudera! Até, em nota, com manifesta simpatia, o articulista cita Noël Arnaud. Na mesma carta já Lisboa dissera: *O Grupo [de Paris] não olha com bons olhos o FRANÇA e tanto assim que na comunicação sobre a expulsão do Matta retiraram o nome dele, França, embora tivesse sido assinada pelo sobredito cujo engano surrealista parece ser evidente ao Grupo Francês*.

França chegou, segundo a indicação de Cesariny, ao Grupo Surrealista de Lisboa em Janeiro de 48, momento em que o número surrealista de *Variante* está vivo e em preparação. Cesariny afasta-se no início de Agosto, quando por certo esse mesmo astro, a revista, já declinara sem remédio no horizonte – o que sumamente terá desagrado o seu primeiro entusiasta. A chegada de França ao grupo, tenha ou não tenha contribuído para o desinteresse de Pedro em relação ao assunto, tanto monta, não podia passar despercebida a Cesariny. Pelo que se lê no *Balanço* do início de 1949 e

pelo que se lê (por exemplo) na carta a Victor Brauner o ponto de vista destes dois, França e Cesariny, não podia ser mais contrário. Um é feramente contra o esotérico e o mito – até a mitologia, tão inócua desde que Schelling a pôs a circular, lhe cai sob denúncia; o outro é com fervor e alma a favor da grande ciência mágica. Veja-se o que ele diz na carta a Brauner (1985: 305): *Neste sentido – teorizo talvez abusivamente mas o risco é apenas meu – vejo as suas criações na mais forte vanguarda do surrealismo. O lado mágico, que Breton nunca deixou de pôr em relevo, tem no Brauner um alto grau de lucidez agente, tanto pela recusa de uma técnica de qualquer modo cerimonial, imposta do exterior, como por um natural delírio de interpretação, fortemente estribado nos signos poéticos da ciência mágica, propriamente dita. Decerto que, a este respeito, pode fazer-se muita confusão, e, mais natural, ter muito medo. Medo de não se ser... racionalista moderno. Mas a palavra de Arcane 17 – Osíris é um deus negro – só deve amedrontar a caixa de fósforos que está perto de mais do lume.* Imagine-se o que França não terá pensado de Cesariny em Janeiro de 48, quando teve notícia, numa daquelas reuniões em casa de Pedro, desta carta. O que Cesariny pensa de França sabe-se. É só o mesmo que António Maria Lisboa: *racionalista-idiota*. Compreende-se pois que as reuniões em casa de Pedro se tenham tornado para Mário Cesariny cada vez mais penosas nesse ano de 48. Estaria desejoso de bater asa, o que não tarda a suceder. No Verão, a 8 de Agosto, escreve a Pedro o parágrafo de abertura da carta em que se desvincula do Grupo Surrealista de Lisboa (1985: 309): *Serve esta para dizer que me desligo inteiramente do chamado Grupo Surrealista de Lisboa por não acreditar que seja Grupo e ainda menos que seja Surrealista.* Esta saída marcou o grupo, que terá de vida, depois deste esticção, em generosa conta, pouco mais dum ano.

Adiante-se que no momento em que os quatro jovens iniciais – Cesariny, O'Neill, Domingues, Moniz – aderem em

Lisboa ao surrealismo, por certo na Primavera do ano de 47, outros, da mesma idade, deram idêntico passo. Mário Cesariny na cronologia inicial do livro de 1966, *A intervenção surrealista*, adianta, com respeito ao ano de 1947, o seguinte: *interessam-se por isso [surrealismo] José Cardoso Pires, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro. Mais directamente se interessam: Cândido Costa Pinto, Vespeira, Fernando de Azevedo, António Pedro, José-Augusto França. Também Pedro Oom, António Maria Lisboa, Henrique Risques Pereira, que formarão, até 1949, um pequeno grupo à parte. Também Cruzeiro Seixas, António Areal, Mário Henrique Leiria, Carlos Calvet, Jorge Oliveira, Jorge Vieira, Carlos Eurico da Costa, João Artur Silva.* Mário Cesariny, depois do corte com o Grupo Surrealista de Lisboa, tinha pois muita seara à mão para colher novos parceiros que se unissem em torno da acção surrealista. Nasceu dessa sorte, na transição do ano de 1948 para o de 1949, um ano depois do primeiro lote de reuniões em casa de Pedro, o grupo “Os Surrealistas”, de que não mais aqui diremos, pois o que pretendemos é tão-só um subsídio relativo ao Grupo Surrealista de Lisboa e ao momento da sua formação.

Entende-se que tanto jovem, em Lisboa, possa ter aderido nesse ano de 47 ao surrealismo? Entende. Breton acabara poucos meses antes de regressar à Europa decidido a reconstruir, em torno de si e dalguns outros, o grupo surrealista de Paris; voltava-se a falar dele e do surrealismo, cujo âmbito de pesquisa se alargara muito nos últimos anos, com a estadia na América. Nascera a prosa de *Prolegómenos a um terceiro manifesto do surrealismo ou não* (1942), sobreviera a narrativa *Arcane 17* (1945), tivera lugar a exaltação índia e primitivista da *Ode a Charles Fourier* (1947). Escrevera ainda os textos de *Martinica Encantadora de Serpentes*, só recolhidos em livro em 1948, e fundara em 1942 a revista *VVV*, de que saíram quatro números, com decisivo papel na afirmação do surrealismo nos Estados Unidos; tivera tam-

bém profícuo diálogo com Wolfgang Paalen, descobrira e encontrara Arshile Gorky e E. F. Granell, tomara contacto com o pensamento de Charles Fourier e Saint-Yves d'Alveydre e com o esoterismo de Éliphas Lévi. Ponha-se como maximamente representativo o quarto e último número da revista *VVV*, publicado em Nova Iorque, Fevereiro de 1944, que retoma, nos escombros da guerra, a necessidade de reinventar o mito fora de qualquer antropomorfização, o que de resto fora já a preocupação maior de *Prolegómenos*, publicado no primeiro número da revista.

Em Portugal o neo-realismo, que vinha do final da década anterior, estava integrado e não mostrava aptidão nem interesse em mudar fosse o que fosse. O seu tempo passara, ou nem sequer chegara; o que dele se podia esperar era nulo. Acabara numa fórmula cómoda de ganhar a vida e estava reduzido a uma estética de clichés, que se institucionalizara em definitivo como segmento aceitável e até rentável. A cultura oficial, a do Secretariado Nacional de Informação, tutelada por António Ferro, tinha, por seu lado, um predador feroz no topo; qualquer compromisso com ela era impossível. O surrealismo apresentava-se assim aos jovens que fizeram vinte anos em Portugal na década de 40 como uma aventura nova, fora dos caminhos batidos, que já se sabia onde levavam – poder, prestígio, sinecuras. O regresso de Breton a Paris, o renovado interesse que o surrealismo voltava a suscitar na Europa, depois de se ter transfigurado no outro lado do Atlântico, acabou por ter eco em Portugal, que até aí, tirando dois ou três isolados, António Dacosta, António Pedro, Cândido Costa Pinto, não dera nota sequer da existência do surrealismo. Cesariny refere, talvez com exagero, no texto de 1973, “Para uma cronologia do surrealismo em português” (1985: 246), que antes de 1947 e das primeiras actividades surrealistas organizadas em Lisboa as referências ao surrealismo em Portugal limitavam-se a duas: um estudo de Gaspar Simões sobre a pintura de Vieira da

Silva e de Arpad Szenes, de 1936, e (diz ele) *um artigo na revista Seara Nova, já durante o pós-guerra, assinalando o regresso de André Breton a França.*

Que artigo é este? Mário Cesariny nada mais indica do que o que vai em itálico. Fomos procurar. Encontrámos o texto na revista *Seara Nova* (ano XXV, n.º 987, 13-7-1946), com autoria de Pierre Descaves e referência de que se trata dum inédito “exclusivo para a *Seara Nova*”. Não pode ser outro, pois outro não há. O texto ocupa, no número, a folha de rosto e o verso, com óbvio destaque, trazendo na folha do verso busto fotográfico do autor de *Nadja*. Recorde-se que André Breton desembarcou a 25 de Maio no Havre, no ponto extremo norte do estuário do Sena, e que no dia seguinte chegava a Paris, voltando ao apartamento da rua Fontaine. O texto da *Seara Nova* foi publicado pouco mais dum mês depois, a 11 de Julho. Esse texto teve por certo, embora Cesariny não o diga, um impacto importante junto da juventude lisboeta e portuguesa, ligada à oposição, ao MUD, a única que lia as páginas da revista fundada, em 1921, por Jaime Cortesão e outros. Quero crer que O’Neill e Cesariny conheceram o texto e por ele foram tocados. Leia-se o parágrafo de abertura: *O super-realismo já possui o seu historiador, Maurice Nadeau. Conserva o seu herói – e seu arauto, André Breton.* Não me espantaria que nestas palavras tenha lido O’Neill pela primeira vez o nome de Maurice Nadeau – que depois, na entrevista de 1985, dará como credor do surrealismo português e sobretudo da formação do Grupo Surrealista de Lisboa.

A favor do conhecimento do texto ponha-se o facto de no mesmo número da revista se encontrar texto de Mário Cesariny – subscrito com o nome Mário César. O autor de *Corpo Visível* fez com este semi-pseudónimo, a convite de Fernando Lopes Graça, o crítico musical de maior duração e projecção da revista, crítica musical na *Seara Nova* no ano de 1946 – e

que continuará nos primeiros meses de 1947. É um capítulo quase desconhecido da sua biobibliografia, que nem ele refere na cronologia autobiográfica do livro de 1977, o que nos leva na bibliografia final deste estudo a indicar o conjunto desses textos, nada desprezíveis do ponto de vista da expressão, que não do surrealismo, e que revelam já o estudioso que viria depois, em 1967, a escrever o estudo magistral sobre a *Clepsydra* de Pessanha. Ora no número em que aparece o apanhado sobre o regresso de Breton a Paris, Cesariny comparece com uma crítica musical, “XXV Concerto de Sonata e I Concerto de Orquestra Sinfónica J. U. B. A.”. O texto sobre Breton não lhe pode pois ter passado despercebido, tanto mais que o cita em 1973. Passos dele – como este: *Na coorte destes homens novos, ardentes e apaixonados, emerge a cabeça de mago de André Breton, com o seu olhar magnífico de grão sacerdote* – devem mesmo ter calado fundo na alma do jovem crítico, colocando-o (pela primeira vez?) na senda do *mago*, de *olhar magnífico*, a quem um ano depois procurará em Paris com o seguimento que o leitor já conhece e ainda desenvolverá.

A formação do Grupo Surrealista de Lisboa, a partir dos fragmentos privilegiados que aqui compulsámos, resume-se com segurança aos passos seguintes: na transição da segunda metade de 1946 para a primeira de 1947 alguns jovens lisboetas, todos eles com pouco mais de vinte anos, com interesses na pintura e na poesia, nada inclinados à arte do Secretariado Nacional de Propaganda, e cada vez menos à do neo-realismo, entusiasmam-se pelo surrealismo que então conhecem, por certo no quadro do regresso de André Breton a França. Quatro deles ousam levar mais longe o entusiasmo e concebem a criação dum grupo surrealista organizado em Portugal; procuram apoio junto dos mais velhos que em ocasiões várias, durante essa década, haviam ma-

nifestado em Portugal conhecimento do movimento. Dois deles: Cândido Costa Pinto e António Pedro. Um terceiro, ausente em Paris: António Dacosta. Isto sem falar de Maria Helena Vieira da Silva, também em Paris e que ficou (e não ficou) à margem destes esforços. O de maior destaque nesta primeira fase é Cândido Costa Pinto, pintor, 36 anos, que desde o início da década de 40 expunha quadros de inspiração hipnagógica – Cesariny dirá “daliniana”. Neste primeiro momento, que tem lugar entre o Inverno e a Primavera de 1947, Costa Pinto envia quadro seu a Breton e a Duchamp, responsáveis pela exposição internacional do surrealismo que ia decorrer nesse ano na galeria Maeght, Paris, e que sucedia às que ocorreram na cidade do México (1940) e em Nova Iorque (1942), quadro que é azeite, figura no catálogo da exposição, mas sem exposição nas paredes da galeria. No contexto dessa colaboração Costa Pinto vai a Paris, está com Breton, o que deve ter acontecido na Primavera desse ano, e leva já com ele o plano de formação dum grupo surrealista em Portugal. Deixa em Paris, ao cuidado de António Dacosta, uma quantia de moeda francesa para aquisição de livros surrealistas, visando o novo grupo português. No regresso passa os contactos em Paris a João Moniz Pereira e Mário Cesariny, que partem para a cidade, o primeiro em Julho, o segundo em Agosto. Enquanto os dois visitam o evento surrealista da galeria Maeght, desenvolvem contactos com André Breton e outros, projectam um boletim surrealista português com texto introdutório do autor de *Nadja*, os dois que estão em Lisboa chamam a si Fernando de Azevedo e Marcelino Mesquita e continuam os encontros com Costa Pinto, que decide expor quadro em salão do Secretariado Nacional de Informação. Segue-se a revolta dos mais novos. Entretanto em Paris, por indicação de Costa Pinto, já do início de Outubro, Cesariny recolhe a moeda que ficara com Dacosta e adquire ele os livros que Costa encarregara o depositário inicial de adquirir. Ao mesmo tempo, em Lisboa, Costa

Pinto é erradicado pelos mais novos e substituído por António Pedro. Cesariny dirá mais tarde que nada teve a ver com o empurrão nem com a substituição. Limitar-se-á a lastimar o destino dos livros que trouxera, que entregues foram ao grupo e não a quem desembolsou a moeda, Costa Pinto.

Sobre o destino imediato do grupo, baptizado como Grupo Surrealista de Lisboa, e independentemente do ponto da chegada ou não chegada inicial de França, ponto obscuro e de contraditória informação, mas também nada significativo, pois tanto monta que ele tenha chegado em Outubro como em Janeiro do ano seguinte, sabe-se que Cesariny e Domingues, dois dos novos, entram em ruptura com o grupo no Verão e saem dele. Uma razão forte para o desagrado foi com certeza o destino que teve aquele projecto dum boletim surrealista português tão acarinhado em Paris, transformado primeiro por António Pedro em número da revista *Variante* e depois abandonado, sem grandes explicações, pelo mesmo, se é que não metamorfoseado de novo, desta vez em *Unicórnio*, que pouco depois, em 1951, apareceu tutelado por França, mas já sem rasto de Breton. O Grupo, com a saída dos dois, tremeu, viveu novas crises internas, foi-se desagregando, até desaparecer pouco depois, no final do ano seguinte ou no início de 1950. Os dois que saíram, por seu lado, juntaram-se a outras lojas de jovens que se interessavam pelo surrealismo, como Pedro Oom, António Maria Lisboa, Cruzeiro Seixas, Risques Pereira, Fernando Alves Santos, dando lugar no início de 1949 ao nascimento dum novo grupo “Os Surrealistas”, cujo âmbito, por muito interesse, até mítico ou mágico, sai já fora, como se disse, deste breve subsídio histórico.



LISBOA, 13 DE JULHO DE 1946

Ano XXV

SEARA NOVA

DIRECTOR: CÂMARA REYS

EDITOR: JOSÉ BACELAR

NÚMERO

987



16 JUL 1946 PREÇO

2\$50

CORPO DIRECTIVO: Câmara Reys e Sarmiento Pinantei. Antigo Director: Raúl Proença (1931-1941).
PROPRIETÁRIA E EDITORA: Empresa de Publicidade SEARA NOVA

EDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DA ROSA, 288-240 — TELEFONE 28547

SUMÁRIO: *Vida literária em França*, O regresso de André Breton, Pietre Descaves. — ALDEIA; SEXTA; CORUDA; JONSO DUARTE. — PASSAGEM DE NÍVEL, Manuel Mendes. — PERMANÊNCIA, DEVIR E LÓGICA, Egídio Namorado. — EXCERTO DO "EURETO" DE PLATÃO, *A maíutica socrática*, trad. de A. Lobo Vilela (conclusão). — JORNAL, *Artes plásticas*, Exposição geral de Artes Plásticas, Adriano de Gusmão; *Cinema*, Comemoração do cinquentenário do Cinema no Instituto Francês, Roberto Nobre; *Música*, XXV Concerto de «Sonata»; I Concerto da Orquestra Sinfónica do J. U. B. A., Mário Esar; *Corrigenda*, Armando Ventura Ferrelra; *Registo bibliográfico*. — FACTOS E DOCUMENTOS, «*Passos da angústia da Bomba-Atómica*»; «*Razões da política britânica na Jugoslávia*».

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VIDA LITERÁRIA EM FRANÇA

O regresso de André Breton

Inédito de PIERRE DESCAVES

Super-realismo já possui o seu historiador, Maurice Nadeau. Conserva o seu herói — e seu arauto, André Breton.

Passados cinco anos de ausência, o autor de *ouï du Jour* tornou a instalar-se em Paris; e foi o antecimento literário de relevo na agitada República das Letras, porque a personalidade de André Breton é das mais vincadas, das mais originais e as mais simpáticas. Pode-se dizer mesmo que, durante o seu exílio voluntário nos Estados- Unidos, a influência do fundador e chefe de fila do movimento super-realista não deixou de crescer. em sempre é a ausência, conforme nos diz o bulista, dos males maiores. Seja como for, André Breton esteve sempre nas preocupações artísticas e vanguarda.

Fisicamente, o escritor do *Amour Fou* não mudou: conserva-se extraordinariamente juvenil apesar da farta cabeleira grisalha; o rosto tão óbil mantém a dignidade que sempre impressionou os que eram tentados a considerar o chefe do per-realismo um pinta-monos com a mania de

ter graça. No entanto, é completamente destituído de solenidade e o seu riso cristalino é prova de espírito miraculosamente infantil, de um coração que não envelhece.

Muitos foram os amigos que o procuraram na casa pitoresca da rua Fontaine, onde, infelizmente, o escritor não tornou a encontrar, intactas, todas as «riquezas» que o gosto pela investigação soubera acumular para maior prazer dos olhos e curiosidade dos amadores. Desapareceram, entre outros, os raríssimos manuscritos do célebre e impetuoso Marquês de Sade! E André Breton não esconde o desgosto.

Mas a todos os amigos, mesmo os mais queridos — acima de tudo os mais queridos, — o autor de *Le revolver à cheveux blancs* recusou-se a fazer declarações. Este desejo, por consequência, será respeitado, e dar-se-á a André Breton a margem suficiente que reclama para se familiarizar com este «novo Paris» de que tanto parece desconfiar. No campo das ideias gerais, pelo menos, não parece ter variado: «Mesmo que eu tenha em atenção a evolução geral que, normalmente, deve ter-se manifestado, é muito verdade que, para modificar o mundo por meio da vontade revolucionária, é preciso tornar a partir do zero». Também não escondeu a pouca simpatia pelo que se assentou em chamar «a literatura comprometida». Quanto à influência do super-realismo nos Estados- Unidos, concorda que foi extremamente importante e que a arte americana atinge um nível igual, às vezes mesmo superior, ao da França, principalmente entre os pintores.

«Em França, acrescenta, será preciso que eu



Desenho: *Délio Vargas*

CARTAS A ANDRÉ BRETON DE MÁRIO CESARINY & DE CÂNDIDO COSTA PINTO

A biblioteca literária Jacques Doucet, cujo significado para o espólio de André Breton já atrás se indicou, tem hoje um riquíssimo acervo relativo ao criador do surrealismo, que sedimentou em estratos autónomos, fruto de entregas várias em momentos muito intervalados e com documentos muito distintos entre si. A biblioteca Jacques Doucet trata o conjunto por “Fonds André Breton” – isto sem prejuízo de se poderem encontrar noutros espólios, como o de Robert Desnos, depositados na mesma biblioteca, documentos de, ou para, Breton – e apresenta a seguinte indicação: *seis metros lineares (1913-1966)*. O fundo divide-se em três gavetões – “manuscritos doutros autores”, “correspondência” e “enriquecimentos”. Cada um deles tem dentro um conjunto múltiplo de caixas. Só o primeiro divide-se em cinco caixas – que aqui, para um subsídio ao Grupo Surrealista de Lisboa, pouco ou nada interessam: “Georges Bataille”, “Yves Bonnefoy”, “Aimé Césaire”, “Edouard L. T. Mesens”, “Claude Tarnaud”. O terceiro, “enriquecimentos”, tem dentro seis escaninhos: “manuscritos”, “correspondência”, “arquivos do autor”, “obras de arte”, “documentos iconográficos”, “arquivos de Elisa Breton”. Por sua vez, o segundo gavetão, para o nosso caso o mais relevante, tem quatro caixas, que se enumeram: “correspondência recebida por André Breton”, “correspondência escrita por André Breton”, “correspondência trocada”, “outros correspondentes”, “enriquecimentos”. Cada uma destas caixas tem dentro de si um número variável de componentes. Por exemplo a correspondência recebida por André Breton, a que mais nos interessa, tem mil duzentos e oitenta e cinco componentes, quer dizer, todos os remetentes que escreveram a André Breton ao

longo da sua vida, por vezes dezenas de missivas, e cujas peças ainda hoje se conservam no seu espólio. Entre estas muitas centenas de correspondentes, encontramos componentes com muitas cartas escritas, quase ao longo duma vida, e outras com uma única.

É nesta parcela que se deve procurar a correspondência de portugueses para André Breton. E cartas de portugueses só mesmo três: duas de Cândido Costa Pinto e uma de Mário Cesariny. No acervo não se encontra qualquer outra de português. Ao invés do que se podia esperar nem António Pedro, nem José-Augusto França, nem Alexandre O'Neill, se aproximaram por meio de carta de A. Breton. Pedro estava em contacto com elementos do surrealismo inglês de Londres, isso lhe bastando, e França tinha decerto consciência do muito que o separava do autor de *Arcane 17* para querer estabelecer com ele qualquer diálogo, embora outras circunstâncias, como deslocações a Paris frequentes, favorecessem o contacto. Ao invés tanto Costa Pinto como Mário Cesariny, este pela paixão, de modo nenhum pela obra até aí criada, quase insignificante, aquele por via da obra, inspirada pelos modelos de pesquisa de Dalí e algo solitária no panorama oficioso e contra-oficioso da plástica portuguesa do tempo, estavam em situação de desejarem aproximação a Breton, o que fizeram com as três peças antes referidas. Duas delas, do ano de 1947, são valiosas para se perceber com traços mais nítidos e próximos o que aconteceu no momento anterior à formação do Grupo Surrealista de Lisboa, entre Março de 1947 e Setembro/Outubro desse ano, período que podemos avaliar como o da formação do Grupo Surrealista de Lisboa. Estas duas cartas a A. Breton devem ser complementadas com a correspondência que M. Cesariny deu a conhecer em *Contribuição ao registo de nascimento, existência e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa* (1974), opúsculo republicado em 1985, sobretudo relativa a Agosto/Se-

tembro/Outubro de 47 aí dada a lume e que já foi comentada com alguma largueza no texto que atrás ficou. As duas cartas para André Breton que de seguida se dão a conhecer relativas ao ano de 1947, uma de Costa Pinto e outra de Cesariny, fazem parte da mesma trama, juntando malhas novas ao tecido. As cartas, e o que vale para as duas primeiras vale para a última, são reproduzidas à letra – embora com pequenas rectificações de acentuação e de grafia. Para que o leitor possa fazer o confronto dos originais com a transcrição, percebendo o peso das intervenções, reproduzem-se os três originais das cartas, evitando-se assim qualquer necessidade de nota editorial mais desenvolvida.

Nada garante que os documentos epistolares que neste livro se apresentam sejam os únicos que portugueses escreveram a André Breton e até os únicos que existam no espólio deste escritor na biblioteca literária Jacques Doucet. Esta é um vasto labirinto de documentos, ficando em aberto a possibilidade de se vir a encontrar, em qualquer desvio inesperado, um documento novo. Por exemplo o terceiro gavetão, dito “enriquecimentos”, só ele tem à sua conta uma caixa, a segunda, intitulada “correspondência”. A caixa tem quatro componentes: “Éluard”, “Soupault”, “Reverdy”, “Tzara”. Ainda no mesmo gavetão, a sexta e última caixa chama-se “Arquivos de Elisa Breton”. Esta caixa apresenta cinco componentes: “cartas endereçadas a Elisa Breton”, “documentos em volta das actividades do grupo surrealista”, “homenagens”, “documentos relativos às edições das obras de André Breton”, “documentos diversos”. Na primeira, “cartas endereçadas a Elisa Breton”, encontram-se três secções: “Isabel e Wolfgang Paalen”, “cartas e telegramas de pêsames”, “cartas recebidas depois de 1966”. Só esta última secção tem dezassete desdobramentos, um deles, “Franklin Rosemont”, relativo a um correspondente próximo de Mário Cesariny. A segunda secção, com correspondência de pêsames recebida por Elisa Claro Bre-

ton logo após o falecimento de André Breton a 28 de Setembro, entre 29 de Setembro e 11 de Outubro de 1966, apresenta mais de duzentos correspondentes, alguns deles, como Laurens Vancrevel e Sergio Lima, também próximos de Mário Cesariny. Esperávamos encontrar nesta secção, mas não encontramos, o nome de Cesariny, mais que não fosse enviando para o número 42 da rua Fontaine, ao cuidado da viúva do autor de *Arcane 17*, o tocante texto que escreveu logo no dia seguinte à morte do Poeta, “Não há Morte na Morte de André Breton”, publicado pouco depois a 7 de Outubro de 1966 com mais seis assinaturas (António Dacosta, Pedro Oom, Cruzeiro Seixas, Ernesto Sampaio, João Rodrigues, Virgílio Martinho, Ricarte-Dácio e João Pinto de Figueiredo) no jornal *República* e republicado no livro *As mãos na água a cabeça no mar* (1985: 123). Que Cesariny conhecia a morada do casal nenhuma dúvida, pois em Setembro de 1947 para lá escreveu uma cartinha de muito entusiasmo e lá chegou mesmo a estar, ao que ele diz, em conversa com o poeta.

Sabemos porém que houve, ao menos, segunda carta de M. Cesariny para A. Breton, esta de Fevereiro ou Março de 1949. A informação é fidedigna e está em António Maria Lisboa. Na primeira carta que escreveu de Paris aos amigos no momento da sua primeira estadia, entre Março e Abril de 1949, o poeta de *Ossóptico* faz referência ao assunto, falando duma carta que Mário Cesariny lhe deu para ser entregue em mão a André Breton. Citamos (1977: 246): *A maneira ou o modo como cheguei até Péret deixo para outra carta. Relatarei aqui o que se passou apenas com ele: (...). E entreguei-lhe também a carta para Breton que me deu o Cesariny. No dia seguinte Péret comunicou-me ser impossível falar a Breton nesta semana visto ele estar adoentado e ainda por cima ter de mudar de apartamento.* A carta de Cesariny para Breton, que seguiu para Paris em Maio de 1949 ao cuidado de António Maria Lisboa, não foi pois entregue ao destinatário,

em mudança desde Fevereiro, mudança cómoda, diga-se, pois tratou-se apenas de trocar de andar no mesmo prédio. Junte-se: não se sabe sequer se algum dia a carta foi entregue a A. Breton. É aceitável pensar que este se tenha desinteressado do caso português e o tenha deixado ao critério de Péret. Se assim foi, a carta pode figurar hoje no espólio de Benjamin Péret – o que será preciso mais tarde confirmar.

Regressemos à biblioteca literária Jacques Doucet, para deixar uma nota final. São três, como dissemos, as missivas de portuguesas no espólio de André Breton. Todavia, há ainda um conjunto de sete cartas da autoria de autores de língua portuguesa, Maria Martins, Paulo Duarte e Sergio Lima, que aqui queremos assinalar, sem mais, já que a sua transcrição não tem neste estudo, mero subsídio para melhor se conhecer o tecido da formação do Grupo Surrealista de Lisboa, cabimento. Três dessas cartas, do ano de 1947, expedidas de Washington, foram subscritas por Maria Martins (1900-1973), que casada com o embaixador do Brasil nos Estados Unidos aí conheceu no exílio, talvez por meio de Marcel Duchamp, os surrealistas franceses, entre eles André Breton, que se interessou pela escultura dela, vindo a escrever no final do ano de 1947, já em Paris, um texto sobre a sua inventiva, que serviu de prefácio a catálogo de exposição. As cartas de 1947 tratam do projecto que deu lugar à exposição prefaciada por Breton. De resto Maria Martins foi uma das revelações em boa evidência na exposição internacional da galeria Maeght. Três outras deste conjunto, todas expedidas de S. Paulo, são subscritas por Sergio Lima, nascido em 1939, fundador do primeiro colectivo surrealista no Brasil, cuja primeira carta escrita a Breton data de 1 de Abril de 1957, tinha ele 18 anos. Por fim a sétima carta do conjunto pertence a Paulo Duarte, sobre quem ainda se dará uma palavra, e foi expedida de S. Paulo a 13 de Julho de 1950. Diga-se por fim que no arquivo

de correspondência de Elisa Breton existe uma única carta de correspondente de língua portuguesa, carta de condolências pela morte de André Breton assinada por Leila Ferraz e Sergio Lima.

CARTA 1

Rua da Alameda, 6 B – 2º
Lisbonne, 24.3.47

Cher Monsieur André Breton :

Je viens de savoir, par mon ami António Pedro, de votre projetée «Exposition Internationale du Surréalisme» pour le mois de Mai ou Juin.

Je regrette de ne pas avoir eu connaissance plus tôt. J'espère être à Paris à ce moment-là et je voudrais bien y participer. Je vous offre quelques reproductions de mes tableaux. Ma peinture est, actuellement, très différente, mais la méthode psychique de travail à restée fondamentalement pure.

J'aimerais envoyer 2 *tableaux* 54 x 75, sous les titres :

– Sans savoir laisser

– Le désir désire le désir du désir. //

Ce sont des peintures faites pendant 1947 et encore inédites.

Dites-moi, je vous prie, si vous pouvez encore les accepter et quelle est la date dernière pour la présentation des tableaux.

Pour savoir plus sur moi, vous pourriez vous adresser à M. Paulo Duarte, musée de L'Homme.

Avec mes remerciements les plus vifs et mon admiration grand format,

Cândido Costa Pinto

CARTA 2

Paris, 14-9-47

M. André Breton

Je ne veux pas, moi non plus, de conférences, reportages, interviews...etc.

Je veux travailler avec vous.

Je viens du Portugal et j'apporte des lettres de recommandations pour Heiner et Kiesler, livrées pour DA COSTA PINTO, peintre surréaliste portugais qui a eu le plaisir de parler avec vous tous il y a environ un mois.

Seulement, Heiner est parti pour Le Caire et Kiesler n'est pas à l'adresse que Pinto m'a donné.

Celui-ci me prie de parler avec vous sur l'affaire d'une « Délégation » surréaliste au Portugal en envisageant les activités surréalistes (– d'ailleurs, très réduites, maintenant) là-bas, et les rapports avec les surréalistes français.

Pour moi, je suis passionnément attaché au surréalisme et je n'attends que de vous entendre, que de vous parler.

Si ça ne vous dérange pas beaucoup écrivez-moi deux mots pour un rendez-vous quelque part ; L'Expo surréaliste va fermer et je ne suis pas sûr de vous trouver la.

Avec toutes mes forces

Mário Cesariny Vasconcelos

Poète – 24 ans

Adresse : Colege d'Espagne

Chambre 34

Cité Universitaire

Paris, 14^e

P.S. – Je serai à Paris jusqu'à Novembre. M. C. Vasconcelos

CARTA 3

Cândido Costa Pinto
Le dernier de 1959
Rua da Alameda, 6 B – 2º
Telefone 55250. Lisboa 1

Monsieur André Breton,

Vous vous rappelez, peut-être ... En 1947 j'ai présenté, pour l'Expo Int. du Surréalisme (« Expointersurréel ») un tableau que j'ai nommé « Le Désir désire le Désir du Désir » ...

C'était un tableau dramatiquement érotique – pas pornographique ! Malheureusement, l'exposition de 47 n'avait pas le programme de celle de cette année. Et il ne fut pas admis. 12 ans se sont passés.

Je vous offre un petit paquet de quelques reproductions de tableaux. Faites attention aux dates. Vous pouvez vous en servir comme vous voulez. Je ne dispose pas, pour le moment, d'autres peut-être plus intéressants pour vous.

Je sais que quelqu'un vous a parlé de moi d'une façon assez peu scientifique ... Je ne dispose pas de défense contre la stupidité malicieuse. C'est la plus grande force de ce monde et je suis assez faible pour pouvoir la combattre ... Par conséquent, je souffre ses poignards.

Je crois même que la *STUPIDITÉ* pourrait être le thème de la prochaine exposition internationale du Surréalisme et qu'une telle exposition devra être faite déjà l'année prochaine. Si l'Érotisme est mondial, la stupidité est déjà universelle. Elle marche vers la lune qu'elle n'atteint pas ici en bas ...

Je m'efforce de m'installer en France. Je n'ai pas aucun argent que celui qui me vient de mon travail. L'installation en France

pose des problèmes. J'aimerais bien d'avoir un accord avec une galerie, quelque chose qui puisse m'assurer l'existence modeste que je mène avec ma femme.

Mais, si je n'ai pas d'argent, je n'ai pas non plus d'amis, qui sont plus chères encore quand un homme se refuse de devenir mannequin de l'haute Couture de l'art, un aidant la carrière étoilé de certains écrivant snobs et très bourgeois.

Enfin, ce sont des questions éthiques que vous connaissez mieux que moi-même et avec lesquelles je ne doit pas massacrer votre patience. Je me rappelle, et je n'oublierais jamais, de votre accueil si généreux et aimable de 1947. Et je garde pour vous une très grande vénération.

Je vous présente, Cher Monsieur Breton, en ce français limité pour lequel j'attends votre bienveillance, les vœux les plus empressés de succès révolutionnaire et morale pour l'exposition de cet année

et très bonne santé
pour vous
et madame,
Cândido Costa Pinto



Paris, 14-3-47

①

Je ne veux pas, mais mon fils, de

Mr. André Breton

conférences
reportages
interviews...
etc

Je veux travailler avec vous.

Je viens du Portugal et j'ai apporté des lettres
de recommandations pour Heimer et

Kiesler, livrées pour DA COSTA PINTO
peintre surréaliste portugais qui
a eu le plaisir de parler avec vous.
Tous il y a environ un mois.

Seulement, Heimer est parti
pour Le Caire et Kiesler n'est
pas à l'adresse que Pinto m'a
donnée.

Celui-ci me prie de parler avec vous
sur l'affaire d'une "Délegation" surréaliste
au Portugal en envisageant les activi-
tés surréalistes — d'ailleurs, très réduites, ma-
tenant) là-bas, et les rapports avec
les surréalistes français.

Pour moi, je suis passionnément
attaché au surréalisme et je n'ai
tend que de vous entendre, que
de vous parler.

NOTAS ÀS CARTAS

CARTA 1

[sem sobredito e manuscrita; anexa fotografia de Cândido Costa Pinto]

Apresenta-se de seguida uma tradução portuguesa da carta: *Lisboa, 24-3-47; Caro Senhor André Breton: Acabo de saber, pelo meu amigo António Pedro, da sua projectada “Exposição Internacional do Surrealismo” para o mês de Maio ou Junho. Lastimo não ter sabido mais cedo. Espero estar em Paris nesse momento e muito gostaria de nela participar. Ofereço-vos algumas reproduções dos meus quadros. A minha pintura é, hoje, muito diferente, mas o método de trabalho psíquico ficou fundamentalmente puro. Gostaria de vos enviar 2 quadros 54 X 75, com os títulos: – Sem saber deixar – O desejo deseja o desejo do desejo. São pinturas realizadas durante o ano de 1947 e ainda inéditas. Diga-me, por favor, se ainda os pode aceitar e qual o prazo final para a apresentação dos quadros. Caso queira outras informações sobre mim, poderá dirigir-se ao senhor Paulo Duarte, Museu do Homem. Com os meus agradecimentos mais vivos e a minha admiração grande formato, Cândido Costa Pinto*

Sabe o leitor que a exposição que nesta carta está em causa é a Exposição internacional do surrealismo, que abriu em Paris a 7 de Julho de 1947, na galeria Maeght e que durou até ao fim de Agosto. O evento deu seguimento às exposições internacionais de Copenhague (1935), de Londres (1936), de Paris (1938), do México (1940) e de Nova Iorque (1942). Logo no ano seguinte, em 1948, teria lugar nova exposição internacional do surrealismo, dessa vez em Praga, onde o surrealismo tinha raízes antigas e resistentes. O evento de Paris foi ideado por Marcel Duchamp e André Breton, porventura ainda em Nova Iorque. Breton dirigiu uma carta de convite aos participantes em 12 de Janeiro de 47, carta essa que foi conhecida por António Pedro, decerto graças aos contactos que tinha em Londres, e dada a saber por este a Costa Pinto. A realização da exposição, onde estiveram representados vinte e cinco países, ficou a cargo de Marcel Duchamp e de Frederick Kiesler e obedeceu a um plano de natureza esotérica, com uma componente iniciática, concorde em tudo com a evolução recente do surrealismo, que a partir de 1942 valorizara as

fontes ocultistas sobre quaisquer outras, suposto que não mais abandonará, ao menos em vida do seu criador. Na carta convite, “Projet Initial”, Breton dirá que *a estrutura geral da exposição responde à preocupação primordial de estabelecer as etapas sucessivas dum itinerário de iniciação*. O prefácio do catálogo pertenceu a André Breton, “Devant le Rideau”, texto que terá sido escrito em Abril de 47, depois incluído no livro *La Clé des Champs* (1953). Paulo Duarte, que Costa Pinto indica no final como estando acessível no “Musée de l’Homme”, é um dos correspondentes de André Breton, com uma carta enviada da cidade de S. Paulo, em Julho de 1950. Trata-se do escritor e homem público Paulo Alfeu Junqueiro de Monteiro Duarte (1899-1984), que esteve ligado desde cedo ao modernismo paulista, em particular a Álvaro Moreyra. Foi no seu apartamento, na avenida São João, que Benjamin Péret e Elsie Houston, brasileira esta e grande renovadora da canção popular, viveram enquanto estiveram em São Paulo no final de 1930. Obrigado a exilar-se em 1932-34, e depois em 1938-48, Paulo Duarte esteve temporadas largas em Paris, onde trabalhou com Paul Rivet no Musée de l’Homme e conviveu, por intermédio de Péret, com o grupo surrealista. Em 1951, de novo em S. Paulo, criou a revista *Anhemi*, onde Benjamin Péret publicou em 1956 a sua mais importante brasileira, *O Quilombo dos Palmares*. A revista *Anhemi* mereceu nota não assinada na revista *Seara Nova*, ou da autoria de Câmara Reys, ou de Emílio Costa, em que se compara o trabalho de Paulo Duarte ao de Eça de Queiroz na *Revista de Portugal* (*Seara Nova*, 1/8-9-1951, ano XXIX, n.º 1232-33, p. 588). Desconhecemos como se estabeleceram as relações, em 1947, de Costa Pinto com esta figura do modernismo brasileiro.

CARTA 2

[com sobrescrito e manuscrita; tem os seguintes dizeres no verso (selo de 6 F e dois carimbos idênticos de 15/ 14h30/ Sept/ 47/ Av. D’Orléans): Monsieur André Breton/ 42, Rue Fontaine/ Paris, 9^a; e no reverso: Mário Cesariny de Vasconcelos/ Colège d’Espagne/ Chambre 34/ Cité Universitaire/ Paris, 14^a]

Apresenta-se de seguida uma tradução portuguesa da carta: *Paris, 14-9-47; Eu também não quero conferências, reportagens, entrevistas... etc., eu quero trabalhar convosco. Venho de Portugal e trago cartas de recomendação para Heiner [sic] e Kiesler, dadas por*

DA COSTA PINTO, pintor surrealista português que teve o gosto de falar com todos vós há mais ou menos um mês. O problema é que Heiner [sic] partiu para o Cairo e Kiesler não está no endereço que Pinto me deu. Pede-me este para falar convosco sobre o caso duma “delegação” surrealista em Portugal, tomando como ponto de partida as actividades surrealistas (aliás, muito reduzidas de momento) no país, e as relações com os surrealistas franceses. Para mim, estou apaixonadamente preso ao surrealismo e não espero senão ouvir-vos e falar-vos. Se não é pedir-vos muito, escrevei-me duas palavras para me marcardes um encontro em qualquer lugar; a exposição surrealista vai fechar e não estou seguro de vos encontrar lá. Com todas as minhas forças/ Mário Cesariny de Vasconcelos/ poeta – 24 anos/ Endereço: Colégio de Espanha, quarto 34, Cidade Universitária, Paris 14^a. /P. S. Ficarei em Paris até Novembro.

Sabemos pela carta de O'Neill, de 17 de Agosto, publicada no opúsculo *Contribuição ao registo de nascimento, existência e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa*, que Cesariny estava em Paris, pelo menos desde o meado do mês de Agosto. Quando escreve a Breton esta missiva está pois em Paris há um mês. Frederick Kiesler foi um dos realizadores da exposição da Galeria Maeght, que tudo indica ter encerrado portas no final de Agosto ou, o mais tardar, na primeira metade de Setembro. “Heiner” – e não há qualquer dúvida sobre o modo como Cesariny grafa a palavra – não pode ser senão Georges Henein (1914-1973), poeta egípcio (pai copta e mãe italiana) de língua francesa. Do grupo francês, em 1947, era ele o único que viajava entre Paris e o Cairo. Ligara-se ao surrealismo na primeira metade da década de 30, afastara-se de França durante a guerra, reforçando no seu país natal a expressão dum surrealismo egípcio, e regressara a Paris depois da libertação, onde reencontrou Breton. Fundou então, com Sarane Alexandrian e Henri Pastoreau, o grupo “Cause Surréaliste”. O que é digno de nota nesta carta é o testemunho que dá da *adesão apaixonada* do jovem Mário Cesariny ao surrealismo, adesão que nunca reverterá, ao invés do que aconteceu com Alexandre O'Neill, que logo em 1951, na nota introdutória do livro *Tempo de Fantasmas*, dado a lume com a chancela “Cadernos de Poesia”, se sairá com esta (que mereceu ao tempo a resposta indignada de Cesariny): *Da aventura surrealista – hoje reduzida, como merece, às alegres actividades de dois ou três incorrigíveis pequenos aventureiros (...)*. Não existindo no

espólio de Cesariny qualquer carta de André Breton, ao menos por nós conhecida, a resposta deste não chegou por carta e os encontros que vieram a ter lugar entre os dois, nos três lugares que Cesariny indica noutro lugar (nota 12 ao opúsculo de 1974; 1985: 312), café de Montmartre, casa da rua Fontaine e galeria Cahiers d'Art, foram combinados ou aconteceram doutro modo, provavelmente por iniciativa directa do português, que terá procurado presencialmente Breton em sua casa.

CARTA 3

[sem sobrescrito e dactilografada; a folha da carta tem ao cimo, impresso, o nome do autor e o seu endereço: Rua da Alameda, 6 – B, 2.º/ Telefone 55250, Lisboa 1]

Apresenta-se de seguida uma tradução portuguesa da carta: *último dia de 1959/ Senhor André Breton,/ Porventura você recorda-se... Em 1947 enviei, para a Exposição Internacional do Surrealismo ("Expointersurreal") uma pintura que chamei "O Desejo deseja o desejo do desejo". Tratava-se dum quadro dramaticamente erótico – nunca pornográfico! Infortunadamente, a exposição de 47 não tinha o tema desta que tem lugar este ano. E o quadro não foi exposto. 12 anos entretanto passaram. Ofereço-vos um pequeno conjunto de reproduções de quadros meus. Faça atenção às datas. Sirva-se delas como bem entender. Neste momento não tenho comigo nenhuma outras, que talvez lhe pudessem interessar mais. Sei que alguém lhe falou de mim de forma muito pouca científica... Não tenho defesa ante a estupidez maligna. É a maior força deste mundo e reconheço a minha fraqueza para a combater... Em consequência, limito-me a sofrer as suas punhaladas. Chego a crer que a ESTUPIDEZ bem poderia ser o tema da próxima exposição internacional do Surrealismo e que uma tal exposição deveria ter lugar já no próximo ano. Se o erotismo é mundial, a estupidez é já universal. Ela caminha para Lua, a que não consegue chegar aqui em baixo... Esforço-me por me instalar em França. Não tenho mais dinheiro do que aquele que me vem do meu trabalho. A instalação em França coloca problemas. Muito gostaria de ter um acordo com uma galeria, qualquer coisa que me pudesse assegurar a existência modesta que levo com a minha mulher. Se não tenho dinheiro, também não tenho amigos, mais importantes ainda quando um homem se recusa a ser um manequim da alta-costura da arte, uma ajuda essencial para a estrelada carreira de certos escritores muito snobes e*

burgueses. Eis algumas questões éticas que você conhece bem melhor do que eu e com as quais não devo abusar da sua paciência. Recordo, e nunca esquecerei, o seu acolhimento tão generoso e amável em 1947. E reservo-vos sempre uma grande admiração. Apresento-vos, caro senhor André Breton, neste francês limitado para o qual peço a sua indulgência, os votos sinceros de sucesso revolucionário e moral para a exposição deste ano e muita saúde/para si e para a sua senhora/ Cândido Costa Pinto.

É a carta de menor importância das três que apresentamos – ao menos do ponto de vista que aqui nos interessa, formação, desenvolvimento e declínio do Grupo Surrealista de Lisboa. No último dia de 1959 era este um defunto com uma década bem contada de soterramento, já que Cesariny (1985: 270) lhe passa certidão de óbito para o momento imediato à exposição de Janeiro de 1949, última realização, segundo ele, do grupo. De facto O'Neill logo em 1951 já se saía com a bojarada *dos dois ou três pequenos aventureiros*. Onde é que ia o Grupo Surrealista de Lisboa! Não passava já de cadáver bem frio e esquecido. França estava a braços com *Unicórnio* – que Cesariny classificará de *nenhuma inscrição surrealista*, o que se confirma nas páginas da revista. O enterro deste pequeno Carnaval não significa todavia que o surrealismo perca fôlego em Portugal. Em 1959 o surrealismo estava vivíssimo entre nós. Basta dizer que no ano anterior Ernesto Sampaio publica *Luz Central* e em 1959 sai o primeiro da revista *Pirâmide* – que pode ser encarado como aquele boletim surrealista português que Cesariny apresentara em projecto a André Breton em Setembro/Outubro de 1947. Foram precisos doze anos de vielas e travessas para se obter enfim o caderno – desafortunadamente sem a entrada do autor francês. Viu porém a luz em 1959, ano a todos os títulos maior para o surrealismo em Portugal. A exposição a que a carta de Costa Pinto se refere é a VIIIª Exposição internacional do surrealismo, que correu em Paris, na galeria Daniel Cordier, de 15 de Dezembro de 1959 a 29 de Fevereiro de 1960. Teve por tema o erotismo (em diálogo com Georges Bataille e Charles Fourier). André Breton dirigiu carta de convite aos plásticos em Agosto de 1959 e escreveu três textos no catálogo da exposição, que voltou a ter realização de Marcel Duchamp. O número três da revista *Pirâmide*, aparecido em Dezembro de 1960, tem na página de rosto eco da exposição e da sua cena mais tocante, a obra de Méret Oppenheim, o fes-

tim do corpo duma mulher nua, que dava seguimento à noção *comestível* de beleza que vinha da década de 30 (Dali, Éluard, Breton). Cândido Costa Pinto nunca se chegou a instalar em França, tendo pouco depois desta carta, em 1962, talvez por intermédio de Paulo Duarte, seu velho contacto de 1947, partido para o Brasil, São Paulo, onde veio a falecer, quase anónimo, em 1976. A sua obra está à espera de ser revisitada, não tanto pela mestria técnica que nela se descortina, e até admira, mas pelo trabalho que fez, por vezes com explosivo sucesso, como sucedeu com as capas da “Vampiro”, no reservatório interior das imagens e que é justo tomar, entre nós, por pioneiro, mau grado Alvarez e Júlio. A “senhora” a quem Costa Pinto envia os seus votos finais é Elisa Claro Breton (1906-2000), que tem hoje na biblioteca de Jacques Doucet fundo com o seu nome. Elisa e André conheceram-se, por mero acaso, no final do ano de 1943, num restaurante francês de Nova Iorque e casaram a 30 de Julho de 1945, logo depois de Breton se divorciar de Jacqueline Lamba, a viver então com David Hare, a dama que antes lhe inspirara *L'Amour Fou* (1937) e mãe da sua única filha, Aube Breton-Elléouët. Elisa inspirou-lhe, por sua vez, a deambulação forte e magnética de *Arcane 17*, caderno escrito na Gaspésia (Canadá) no Verão de 1944.

NOTA FINAL

Vejam-se de seguida, de forma sumária, as novidades que as duas cartas iniciais fornecem para a compreensão da formação do Grupo Surrealista de Lisboa. Antes de mais, a questão da exposição da galeria Maeght, que parece ter sido o pretexto imediato para o surrealismo se começar a mexer em termos organizativos em Portugal. A primeira carta de Costa Pinto fornece algumas informações. Foi António Pedro que soube em Lisboa, ainda no Inverno de 1947, da existência da exposição. Como soube? A carta não diz. Mas decerto António Pedro terá tido notícia do convite que André Breton dirigiu a 12 de Janeiro de 1947 aos pintores de todo o mundo. Como soube Pedro do convite? Pinto também não informa. Mas não devemos errar muito supondo que a notícia chegou por meio de correspondentes ingleses. Seja assim ou não, foi por António Pedro que Costa Pinto soube, e logo em Março, quando a notícia talvez corresse só em círculo restrito, da exposição internacional do surrealismo de 47. A

primeira carta de Costa Pinto fornece também elementos importantes sobre a sua participação nessa exposição. Fica-se a saber que já em Março Costa Pinto pensava enviar dois trabalhos, trabalhos inéditos, realizados já nesse ano, diz ele. Mais tarde, por questões talvez de transporte, optou por único envio, o segundo trabalho, “O desejo deseja o desejo do desejo”, que consta do catálogo. Que um só quadro dele estava na galeria Maeght nenhuma margem para dúvida, pois na carta que escreve a 1 de Outubro de 1947 para Mário Cesariny, então em Paris, e que o leitor já conhece, só lhe pede, no *post scriptum* (1985: 399), a devolução dum trabalho seu.

Curiosa, a merecer abordagem que aqui não podemos fazer, por extravasar em muito o que nos propomos, tão-só um subsídio sobre o Grupo Surrealista de Lisboa, e não um itinerário da pintura de Costa Pinto, a alusão pelo autor da carta ao seu método psíquico de trabalho – *puro* diz ele. Não se duvida que aquilo que está aqui em jogo, neste método, seja o *processo* ou o *mecanismo paranóico crítico*, que Dali começou a desenvolver em 1929/30, no livro *La Femme Visible*, publicado em Paris, nas Edições Surrealistas, no final do ano de 1930, com texto introdutório de A. Breton e P. Éluard, e que pretendeu, na linha da psicanálise, trazer para o plano da consciência as associações obtidas no limiar do sono. Não se duvida que parte da pintura de Costa Pinto da década de 40, a que ele ficou sempre fiel, foi obtida através de idêntico processo.

Pela carta de Março de 47, fica-se ainda a conhecer a intenção de Costa Pinto ir a Paris no momento da inauguração da exposição da galeria Maeght, que ele aponta para os meses de Maio ou Junho. A exposição só inaugurou no dia 7 de Julho. Mesmo assim não é certo que ele tenha estado presente no momento da abertura. Já se verá por quê.

Passe-se agora ao segundo envio, o de Mário Cesariny. Antes de mais a sua carta esclarece, ou ajuda a isso, a estadia de Costa Pinto em Paris. Segundo se tira da carta de Cesariny, Costa Pinto teria estado com Breton em Agosto. Diz Cesariny a 14 de Setembro: *DA COSTA PINTO, peintre surréaliste portugais, qui a eu le plaisir de parler avec vous tous il y a environs un mois*. De sorte, Costa Pinto terá estado em Paris entre Julho e Agosto de 1947 – mesmo que o seu propósito inicial fosse chegar à cidade por volta de Maio. É pois possível que não tenha chegado a tem-

po de assistir à abertura da exposição da galeria Maeght. Sabe-se ainda – Cesariny o dirá na segunda versão do texto de 1973 (1985: 267) – que Costa Pinto assinou o Manifesto “Rupture Inaugural”, redigido em Junho mas só tornado público, com as assinaturas, depois da abertura da exposição, no meado de Julho. Pelo envio de Cesariny, sabe-se também que Costa Pinto falou em Paris com todo o colectivo surrealista de então, e largo era ele em época de exposição internacional, recomendando depois, por carta, o jovem Mário Cesariny a três deles, Heneim, Kiesler e Breton. Costa Pinto chegou assim a Lisboa, tudo leva a crer, antes da partida para Paris de Cesariny. Quanto às três cartas de recomendação que Cesariny leva para Paris, entregues por Costa Pinto, duas delas decorrem da natureza dos eventos – Breton e Kiesler são os responsáveis da exposição onde Pinto colabora – e a terceira é surpresa. Que terá levado Pinto a pensar em Heneim? Que corrente de simpatia mexeu entre os dois? Fosse como fosse, Cesariny nunca chegará à fala com o egípcio – e quando regressar a Paris, em 1963/4, já será tarde, porque Heneim se afastará, posto que sem ruptura, na década de 50, de Breton. A propósito, lembre-se que Benjamin Péret, que estaria naturalmente vocacionado, ele que vivera dois anos no Brasil, entre o Rio e S. Paulo, para dialogar com portugueses, só regressa a França, do exílio da guerra, passado no México, em Abril de 1948. Não estava pois em Paris no momento em que tudo sucede – exposição da galeria Maeght e estadia na cidade de Costa Pinto, Cesariny e Moniz Pereira.

Pela carta ficamos ainda a saber que o primeiro contacto de Cesariny com André Breton aconteceu por carta – datada de 14 de Setembro e expedida no dia seguinte. Estava nesse momento o remetente há cerca dum mês em Paris. Antes da segunda metade de Setembro, não houve pois qualquer encontro entre Cesariny e Breton. Os encontros a que o português aludirá mais tarde no opúsculo de 1974 só tiveram lugar ou no final de Setembro ou já em Outubro. Pela carta fica-se ainda a saber que no meado de Setembro M. Cesariny pensava ficar todo o mês de Outubro em Paris. Sabe-se que não ficou e que regressou ainda antes do fim de Outubro a Lisboa, sem que se saiba o dia. Quem só regressou mesmo em Novembro foi Moniz Pereira, seu parceiro de estadia em Paris, mas não de viagem, já que partiu em Julho e Cesariny só em Agosto (v. 1985: 267). As relações dos dois, Moniz Pereira

e Cesariny, não parecem ter sobrevivido à ruptura de Agosto de 1948 – como de resto se vê por parágrafo do texto com que Cesariny em 1950 responde a crítica de José-Agusto França na *Seara Nova* (v. “bibliografia”) e que, sendo recusado por esta revista, será depois dado a lume pelo autor na colectânea *A intervenção surrealista* (1997: 151-152).

Permita-se-nos por fim um aparte. Se estas duas cartas escritas a André Breton por portugueses, entre a Primavera e o Verão de 1947, período de gestação do Grupo Surrealista de Lisboa, nos chamam a atenção no retrato para uma figura, ela é, só poder ser, pelo desconhecimento em que anda, Cândido Costa Pinto. Até aqui muito apagado na história da formação do grupo, até por via da erradicação ulterior, Costa Pinto merece porém melhor destino. Foi ele o primeiro português a escrever a Breton, foi ele que enviou trabalho seu para a exposição internacional de 1947, foi ele que viu esse trabalho indicado no catálogo da mostra, foi ele que esteve em Paris, foi ele que assinou (com Dacosta) o manifesto “Rupture Inaugurale”, foi ele que incentivou Mário Cesariny a estabelecer contactos com André Breton. Foi ele ainda que deu o dinheiro para os livros que entretanto vieram para Lisboa por intermédio de Cesariny. O próprio Cesariny, tão severo no juízo que faz do labor pictórico de Pinto, não lhe negou todavia papel de primeira linha na formação do grupo. A palavra a Cesariny (1985: 267): *enfim, e não menos curioso, os encontros de Alexandre O’Neill e Mário Cesariny com Cândido Costa Pinto entretanto regressado a Lisboa, obtiveram deste último o máximo de colaboração (inclusive em dinheiro para compra de livros nunca antes chegados a Portugal), para contactos dos dois primeiros com o grupo surrealista em Paris, para onde Moniz Pereira partiria em Julho e Mário Cesariny em Agosto de 47. É o que basta, se não para revisitar com simpatia a obra deste pictórico, ao menos para lhe dar o lugar que merece, por seu ser, no nascimento do Grupo Surrealista de Lisboa – e que os documentos inéditos aqui apresentados consolidam.*

1024. G. C. M. P. 744 72
Si ça ne vous dérange pas beaucoup
écrivez-moi deux mots pour un
rendez-vous quelque part; & l'Expo
Surrenialiste va fermer et j'ai cru
pas sur de vous trouver là.

Avec toutes mes forces

Osario Cesariny Vasconcelos
docteur - 24 ans

Adresse: Colegio d'Espagne
chambre 34
Cité Universitaire
Paris, 14^e

P.S. - Je suis à Paris jusqu'à Novembre.

Bildou

CRONOLOGIA

1946

Em Maio, Mário Cesariny, que em 1944/45 – tinha então 20 anos – aderira ao neo-realismo, começa a escrever, por convite de Fernando Lopes Graça, com semi-pseudónimo, Mário César, crítica musical na revista *Seara Nova*. No final do mês André Breton regressa a Paris, depois dum longo exílio na América, sobretudo Nova Iorque.

Em Julho, aparece na primeira página da revista *Seara Nova* um texto de Pierre Descaves sobre o regresso à Europa de A. Breton e o interesse que o surrealismo está de novo a despertar em França. Colaboração no mesmo número de M. Cesariny com crítica musical (v. “bibliografia”).

Em Outubro, na mesma revista, Pedro Oom, aos 19 anos, faz a sua estreia como poeta, “Somente uma Canção” (n.º 1000-7, 26-10-1946, p. 140).

Mário Cesariny faz nesse ano, sem que se saiba com exactidão em que momento, uma primeira colagem de ruptura com fotografia do general De Gaulle e escreve o poema *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos*, que apresentará como *despedida da teórica neo-realista*.

1947

Cândido Costa Pinto tem notícia por António Pedro da carta convite de A. Breton, datada de 12 de Janeiro, para *exposição internacional do surrealismo* a realizar nessa Primavera em Paris e decide enviar dois quadros ao certame. Tanto quanto se sabe envia um, “O desejo deseja o desejo do desejo”, que figura no catálogo do evento mas não teve exposição pública.

Em Abril, Mário Cesariny fecha, para sempre, a sua colaboração com a revista *Seara Nova*. No mês seguinte, Alexandre O’Neill estreia-se na revista como crítico de cinema, não voltando a bisar. Em momento difícil de definir com exactidão, mas que deve ter acontecido nessa Primavera, João Moniz Pereira, António Domingues, O’Neill e Cesariny aderem ao surrealismo e decidem criar um grupo de acção surrealista em Lisboa. O elo de ligação com os mais velhos, e até com Paris, é Cândido Costa Pinto.

No final Primavera ou no princípio do Verão, mais este do que aquele, Cândido Costa Pinto parte para Paris, convive com o

grupo surrealista que aí se reúne e assina com António Dacosta o manifesto “Rupture Inaugurale”, redigido em Junho. A 7 de Julho inaugura, na galeria Maeght, a exposição internacional do surrealismo – a sexta, depois de Copenhaga (1935), Londres (1936), Paris (1938), México (1940) e Nova Iorque (1942).

Em Agosto, já depois do regresso de Costa Pinto, e da partida de Moniz Pereira em Julho, Cesariny larga para Paris, onde visita a exposição da galeria Maeght. Leva pelo menos três cartas de recomendação passadas por Costa Pinto e escreve com exaltação a A. Breton a 14 de Setembro; tem depois encontros com André Breton (café da Place Blanche, galeria Cahiers d’Art e apartamento do poeta em Montmartre), com Henri Pastoreau do grupo “Cause Surréaliste” e com o pintor Victor Brauner; falha Georges Heneim, também do grupo “Cause”, já que este acabou de partir para o Cairo. Troca de correspondência com Alexandre O’Neill, António Domingues e Cândido Costa Pinto, visando a formação dum grupo surrealista em Lisboa. Projecto de Cesariny realizar, no grupo a criar, um boletim surrealista português, com apresentação introdutória de A. Breton e assentimento deste.

Em Outubro, Cândido Costa Pinto é afastado do grupo surrealista a criar, ou já criado, devido à teimosia em expor em galeria do S.N.I.; António Pedro toma o seu lugar. Cesariny regressa a Lisboa. Começam as reuniões e os trabalhos do Grupo Surrealista de Lisboa em casa de António Pedro, em Lisboa, na avenida Defensor de Chaves. Estão presentes: M. Cesariny, A. O’Neill, A. Domingues, M. Vespeira e F. Azevedo. Em Novembro junta-se-lhes J. Moniz Pereira, regressado então de Paris. Já a presença de J.-A. França tem duas versões: a dele (desde Outubro) e a de M. Cesariny (só a partir de Janeiro do ano seguinte).

1948

Em Janeiro, o projecto inicial de M. Cesariny dum boletim surrealista português com nota introdutória de Breton metamorfoseou-se num número da renascida revista *Variante* com colaboração surrealista internacional. Troca de correspondência epistolar a propósito deste número (e da *criação* como magia ritual) entre Cesariny e Victor Brauner – em Paris este, em Lisboa o outro.

Em Abril, está projectada a participação do Grupo Surrealista de Lisboa na III Exposição Geral de Artes Plásticas, promovida pela oposição. A comissão organizadora aceita à última hora a inter-

venção da censura prévia, o que leva ao protesto do grupo surrealista, que decide retirar as cerca de três dezenas de obras enviadas. A carta à Comissão Organizadora da exposição tem a data de 29 de Abril e foi assinada por O'Neill, Domingues, Pedro, Azevedo, Moniz Pereira, França, Cesariny e Vespeira. Chegada a Paris de Benjamin Péret, depois dum longo exílio no México. No princípio do Verão agravam-se os desgostos de Mário Cesariny com o grupo. A planeada revista surrealista internacional de António Pedro deixa de ser prioridade e obriga à devolução do material entretanto recebido. Tomada de posição na imprensa do Grupo Surrealista de Lisboa a favor de Gomes Leal, no centenário do seu nascimento.

A 5 de Agosto, em carta a O'Neill e Domingues, Cesariny critica o G.S.L. por abandono *do automatismo psíquico como processo de revelação e descoberta* e fala de *esteticismo, camuflado ou miúdo*; 3 dias após, em carta a António Pedro, desliga-se do grupo surrealista, *por não acreditar que seja Grupo e menos ainda Surrealista* (1985: 308-9).

No Outono, Cesariny reencontra Pedro Oom, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco, António Paulo Tomaz, a que se soma um novo afluente – António Maria Lisboa, Fernando Alves dos Santos, Henrique Risques Pereira – mais novo este. Do caudal, a que se juntará Carlos Eurico da Costa, e logo Mário Henrique Leiria, nascerá um novo grupo, “Os Surrealistas”, em que se vê, pelo alcance das realizações, pela novidade dos sinais, pela natureza da pesquisa, o momento chave – Cesariny dirá *maioridade* – do surrealismo português. Domingues, que abandonou com Cesariny o G.S.L., participa nas primeiras actividades do novo agrupamento, mas não exporá nem com ele assinará qualquer folheto.

1949

Exposição em Janeiro no atelier de António Pedro do grupo surrealista de Lisboa, aceitando a intervenção da censura, que corta o projecto de capa do catálogo, onde se apelava ao voto em Norton de Matos. Mário Cesariny no texto “Para uma cronologia do surrealismo em português” (1985: 270) considera essa *a última manifestação do Grupo Surrealista de Lisboa*. O catálogo censurado será o primeiro de cinco *cadernos surrealistas* editados pelo grupo, todos de 1949, com excepção do quinto e último, de Nora Mitrani, em tradução de Alexandre O'Neill, já do iní-

cio do ano seguinte e por isso semi-póstumo. Enumeram-se os restantes: *A ampola miraculosa*, de A. O'Neill; *Proto-poema da Serra d'Arça*, de A. Pedro e *Balanço das actividades surrealistas em Portugal*, de J.-A. França. Assinale-se que na carta corte de Cesariny, de 8 de Agosto de 1948, se alude, no quadro das acções do grupo, a um poema dele em tipografia e cuja composição manda desfazer. O poema, *Corpo Visível*, será editado no ano seguinte em edição de autor.

Em Março, António Maria Lisboa vai para Paris, onde fica até Abril. Conhece D'Assumpção, que lhe pinta o retrato de neo-pitagórico, Sarmento de Beires, que o inicia no ocultismo, e o casal Vieira da Silva-Arpad Szenes, que ele retratará em simbologia ácida mas certa. A viagem teve como motivo próximo a necessidade do novo grupo se dar a conhecer a Breton e a Péret, impugnando o trabalho de Pedro e França. Leva nesse sentido carta de Cesariny para Breton. Encontros entre Lisboa e Péret – este falava, lia e escrevia o português, pois vivera vários anos no Brasil (1929-32) e fora casado com a carioca Elsie Houston. A carta que Cesariny entregara para Breton é depositada nas mãos de Péret, por impossibilidade do destinatário se avistar com o portador.

Em Maio, “Os Surrealistas” promovem uma sessão no Jardim Universitário de Belas Arte (J.U.B.A.) sobre “o surrealismo e o seu público” (6-5-1949) e que foi a sua primeira manifestação pública. São lidos poemas de Carlos Eurico da Costa, Pedro Oom, António Maria Lisboa, Mário Cesariny e Fernando Alves dos Santos e ainda o manifesto “A Afixação Proibida”, texto colectivo composto, em voz alta, segundo processo heterodoxo do *cadavre-exquis*, tempo antes, em casa de António Maria Lisboa e que de início se chamou “Única Razão Ardente”. Carta de António Pedro ao *Diário de Lisboa* (6-5-1949), negando qualquer responsabilidade no evento, seguida de resposta de António Maria Lisboa (9-5-49). A acção do J.U.B.A. deu origem a um ciclo de seis sessões tumultuosas.

Em Junho, I Exposição dos Surrealistas na antiga sala de cinema Pathé-Baby, na Rua Augusto Rosa. Estiveram presentes Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leiria, Fernando Alves dos Santos, Carlos Eurico da Costa, Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Mário Cesariny, António Maria Lisboa, António Paulo Tomaz, João Artur Silva e Carlos Calvet.

Em Julho, Jorge de Sena, na revista *Seara Nova*, conclui um con-

junto de três apontamentos dedicados ao surrealismo, iniciado em Abril e continuado em Junho. José-Augusto França inicia crítica (cinema, livros e arte) na *Seara Nova*, sem qualquer horizonte surrealista. João Gaspar Simões ajuíza, no semanário *Sol*, de Lello Portela, três cadernos do Grupo Surrealista de Lisboa: *Balanço das actividades surrealistas em Portugal*, de José-Augusto França; *A ampola miraculosa*, de Alexandre O'Neill; *Proto-poema da Serra d'Arga*, de António Pedro.

Em Setembro, Risques Pereira parte para Paris; foi portador de carta de António Maria Lisboa para Benjamin Péret, que nunca será entregue, por o destinatário estar ausente. Cita-se passo final: *António Pedro continua "um grande homem da Arte"*, *confessadamente contra o que ele chama o "surrealismo ortodoxo" e contra o automatismo. J.A. França um Racionalista-idiota*. Réplica de França e de O'Neill, no semanário de Lello Portela, à crítica de Simões, seguida por cáustica e arrasadora resposta deste.

Em Outubro, Mário Cesariny e Pedro Oom, a propósito da troca entre Simões, França e O'Neill, fazem, ainda no mesmo periódico, o ponto da situação do surrealismo em Portugal. Alusão num parágrafo ao caderno de José-Augusto França como segue: *Pacoviada – e esta tem tudo a ver com um dos signatários do reparo feito a Gaspar Simões – pacoviada mísera confundir actividade surrealista com pendurações em recinto de tecto oficial* (*Balanço das Actividades [Surrealistas] em Portugal, José-Augusto França*). Alusões ainda a António Pedro – *pacoviada o Surrealismo minhoto* – e a Cândido Costa Pinto – *pacoviada o consultório técnico de Cândido Costa Pinto*.

Em Dezembro, António Maria Lisboa escreve, com colaboração de ideias de Pedro Oom, o manifesto *Erro Próprio*.

1950

Em Janeiro, Nora Mitrani, membro activo do grupo surrealista francês, chega a Lisboa, onde tem família. A 12 de Janeiro faz uma palestra [segundo M. Cesariny ("Prolegómenos ao Aparecimento de Dadá e do Surrealismo", *A Intervenção Surrealista*, 1996:63) o evento teve lugar na Casa das Beiras], *La Raison Ardente (du romantisme au surréalisme)*, logo traduzida por A. O'Neill e editada em caderno, último gesto do Grupo Surrealista de Lisboa. De regresso a França, com pseudónimo de Daniel Gautier, Nora publica um conjunto de reportagens sobre Por-

tugal. Mais tarde, no segundo número da revista *Le Surréalisme Mème* (n.º 2, 1957), apresentará Fernando Pessoa aos surrealistas franceses.

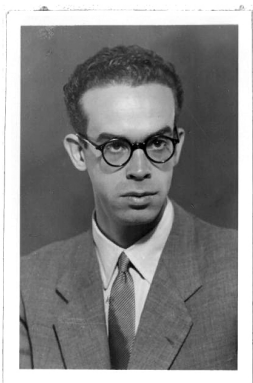
Em Fevereiro, José-Augusto França publica na revista *Seara Nova* crítica a exposição de Jorge Oliveira, aludindo a Nora Mitrani, à exposição surrealista de Junho de 1949 e não sabendo se havia de dar o G.S.L. como passado ou como presente – *o movimento que se chamava (ou chama) de Grupo Surrealista de Lisboa*.

Em 3 de Março, António Maria Lisboa faz a primeira leitura pública de *Erro Próprio* na Casa da Comarca de Arganil, que repetirá, no último dia do mês, no Porto, Clube dos Fenianos. Pelo meio, a 19 de Março, Cesariny subiu a Amarante para escutar Teixeira de Pascoaes, no cineteatro da vila do Tâmega, falar de Guerra Junqueiro (passava o centenário de nascimento do grande iconoclasta), e depois a Gatão, Casa de Pascoaes, onde haveria de regressar muitas e muitas vezes. Luiz Pacheco projecta em Lisboa a edição dos cadernos *Contraponto*, onde pensa inserir colaboração de Mário Cesariny (poemas) e de Lisboa (resumo de *Erro Próprio*). Há registo do projecto em carta de Lisboa para Cesariny (Março).

Em Junho-Julho II Exposição dos Surrealistas, em Lisboa, na Galeria da Livraria “A Bibliófila”. Na mostra estiveram Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leiria, Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Mário Cesariny, João Artur Silva e Fernando José Francisco. Alexandre O’Neill, segundo informe de Cesariny, deu *colaboração esporádica* à exposição e colaborou num texto colectivo, “O Cadáver-Esquisito à Mesa Pé-de-Galo”, depois publicado na *Antologia surrealista do cadáver-esquisito* (1961).

O primeiro número dos cadernos *Contraponto* aparece em Setembro mas sem a colaboração de Cesariny, de Lisboa ou de qualquer outro surrealista.





Rua da Alameda, 5 B. 2.
Lisbonne, 24.3.47.

Cher Monsieur André Breton :

Je vien de savoir, par mon ami
António Pedro, de votre projetée
« Exposition Internationale du Surréalisme » pour le mois de mai ou Juin.
Je regrette de pas avoir eu connaissance plus tôt. J'espère être à Paris à ce moment là et je voudrais bien y participer. Je vous offre quelques reproductions de mes tableaux. Ma peinture est, actuellement, très différente, mais la méthode psychique de travail à restée fondamentalement pure.

J'aimerais envoyer 2 tableaux
54x73, sous les titres :

- sans savoir laisser
- Le désir, désire le désir du désir.

Elles sont des peintures faites
pendant 1947 et encore inédites.

Dites-moi, je vous prie, si
vous pouvez encore les accepter et
quelle est la date dernière pour
la présentation des tableaux.

Pour savoir plus sur moi,
vous pourriez vous adresser à
M. Paulo Duarte, Musée de L'Hom-
me.

Avec mes remerciements les
plus vifs et mon admiration
grand format,

Cândido Costa Pinto

CANDIDO COSTA PINTO

BIBLIOGRAFIA

- BRETON, André, “Projet Initial” [foi a longa carta de convite que o autor escreveu, a 12 de Janeiro de 1947, aos participantes da exposição internacional do surrealismo desse ano em Paris; tem chave de correspondências entre os arcanos maiores do Tarot e os livros que atapetavam os vinte e um degraus da escada que ligava os dois andares da galeria; dois exemplos: O Diabo – *Rei Ubu* de Alfred Jarry; A Estrela – *Théorie des quatre Mouvements* de Charles Fourier], *Oeuvres Complètes*, tomo III, Paris, Gallimard, 1999, pp. 1367-1370.
- “Flagrant Délit” [opúsculo publicado pela chancela Thésée, em 1949, a propósito duma edição de Rimbaud, *La Chasse Spirituelle*, que Breton impugnou por fraude; foi depois republicado na colectânea *La Clé des Champs* (1953); na edição original tem subtítulo: *Rimbaud devant la conjuration de l'imposture et du truquage*], *Oeuvres Complètes*, tomo III, Paris, Gallimard, 1999, pp. 790-834.
- “Entretiens (1913-1952)” [inicialmente publicado em 1952 pela Gallimard; teve reedição, anotada por Marguerite Bonnet e acrescentada de duas novas entrevistas, no tomo terceiro das obras completas, que aqui seguimos; a edição de 1952 teve tradução portuguesa de Ernesto Sampaio, por ele prefaciada e dada a lume em Lisboa, Edições Salamandra, s/d (1994?)], *Oeuvres Complètes*, tomo III, Gallimard, 1999, pp. 423- 649.
- “Ephémérides Surréalistes (1916-1955)” [primeira publicação em 1955, no momento de reedição dos *manifestos* do surrealismo, edição Club français du livre; a cronologia foi reeditada no derradeiro volume das “obras” de Breton, com valiosas anotações de Étienne-Alain Hubert], *Oeuvres Complètes*, tomo IV, Gallimard, 2008, pp. 27-43.
- “Victor Brauner. Entre Chien et Loup...” [texto de Maio de 1946, publicado em *Cahiers d'Arts* (1945-46) com o título “Victor Brauner” e recolhido em 1965 na terceira parte da edição definitiva do livro *Le Surréalisme et la Peinture* com o título hoje conhecido e com a reprodução de quatro pinturas de Brauner, entre elas duas variantes do “lobo mesa” de 1939],

- Oeuvres Complètes*, tomo IV, Gallimard, 2008, pp. 496-504.
- “Maria” [texto de Outubro de 1947, publicado no catálogo de exposição em Nova Iorque, *Maria. Recent Sculptures*, que teve versão parisiense no ano seguinte, e recolhido em 1965 na quarta parte da edição definitiva do livro *Le Surréalisme et la Peinture* com a reprodução de duas esculturas de Maria Martins], *Oeuvres Complètes*, tomo IV, Gallimard, 2008, pp. 732-737.
 - “Interview à Pierre Boisdeffre” [inicialmente publicada em *Les Nouvelles littéraires* (31 de Julho de 1958); o livro citado por Breton é a colectânea, tradução de Armand Guibert, “Bureau de Tabac”], *Oeuvres Complètes*, tomo IV, Gallimard, 2008, pp. 1080-1084.
 - “Ephémérides Surréalistes (1955-1962)” [cronologia inédita, em esboço, publicada pela primeira vez neste tomo, com apresentação e notas de É.-A. Hubert.], *Oeuvres Complètes*, tomo IV, Gallimard, 2008, pp. 1166-1172.
 - para o espólio de André Breton na biblioteca literária Jacques Doucet ver: <http://www.calames.abes.fr/plus/doc>
- CÉSAR, Mário [semi-criptónimo de Mário Cesariny], “XXI Concerto de Sonata” [tem advertência inicial do autor, dizendo ao que vem e escusando-se de se apresentar como crítico; é por certo a sua estreia na revista], *Seara Nova*, ano XXV, n.º 970, Lisboa, 16 de Março de 1946, p. 171.
- “XXII Concerto de Sonata” [termina com o período: *Rudeza, sinceridade, humanidade, valor – como não gostar disto?*], *Seara Nova*, ano XXV, n.º 975, Lisboa, 20 de Abril de 1946, pp. 259-260.
 - “XXIII Concerto de Sonata”, *Seara Nova*, ano XXV, n.º 980, Lisboa, 25 de Maio de 1946, p. 62.
 - “Concerto de Sonata no Instituto Francês e no Salão de Festas “O Século”, *Seara Nova*, ano XXV, n.º 981, Lisboa, 1 de Junho de 1946, pp. 77-78.
 - “XXV Concerto de Sonata e I Concerto de Orquestra Sinfónica J.U.B. A.” [é este o número que traz na folha do rosto um dos raros textos dedicados ao surrealismo e ao seu criador em Portugal antes do ano de 1947 (v. Descaves, Pierre)], *Seara Nova*, ano XXV, n.º 987, Lisboa, 13 de Julho de 1946, pp. 178-179.

- “Fernando Lopes Graça – Música Portuguesa” [não se trata, como até aqui, duma simples secção de “Jornal”, que as tem de Cinema, Artes Plásticas e Música, mas dum estudo no corpo principal da revista], *Seara Nova*, ano XXV, n.º 994, Lisboa, 31 de Agosto de 1946, pp. 285-289.
- “Gravitação na Música Portuguesa” [neste número, um dos mais volumosos da revista, encontra-se poema de Pedro Oom, “Somente uma Canção” (p. 140), que deve ser dos primeiros em letra impressa, se não o primeiro, deste poeta, nascido em 1926], *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1000-7, n.º comemorativo do 25.º aniversário, 26 de Outubro de 1946, pp. 221-222.
- “Música”, *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1009, 30 de Novembro de 1946, pp. 251-252.
- “XXVII Concerto de Sonata”, *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1018, Lisboa, 1 de Fevereiro de 1947, p. 67.
- “Sociedade Nacional de Belas-Artes – Canções Populares Portuguesas”, *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1019, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1947, p. 85.
- “Música de Jazz” [é um dos mais curiosos textos do Mário Cesariny da época, a coincidir por certo com a sua aproximação ao surrealismo; citamos um passo: *O jazz é talvez a mais lícita e com certeza a mais popular expressão musical do negro americano deste século. Que essa expressão se revele primitiva, simplória, sem qualidade nem complicação eruditas (à europeia, entenda-se), em que pode isso ofender a dignidade dos nossos eruditos? Se por toda a Europa lavrou, e lavra ainda, a gestação duma música assente sobre características étnicas de cada um dos seus povos, porque olhar com indiferença o que é sem dúvida uma forma musical do povo negro da América?*] *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1026, Lisboa, 29 de Março de 1947, p. 218.
- “XXIX Concerto de Sonata no Salão de Festas de “O Século” – Sequeira Costa no Tivoli – No Tivoli: Benjamino Gigli”, *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1028, Lisboa, 12 de Abril de 1947, p. 248-249.
- “Fernando Lopes Graça em França – XXX Concerto de Sonata na Sociedade Nacional de Belas-Artes” [abre com o seguinte parágrafo, que revela a ainda proximidade do jovem Mário Cesariny a Fernando Lopes Graça: *Segundo notícias por mim*

ocasionalmente recebidas, o compositor Fernando Lopes Graça, agora em Paris, está sendo alvo de grandes atenções e significativas homenagens. É o último texto de Mário César na revista *Seara Nova*; a crítica musical continuou depois a ser assegurada por Lopes Graça, a quem se junta, em 15 de Novembro de 1947, n.º 1059, João José Cochofel e mais tarde, já só, Humberto d'Ávila; a saída de Cesariny, que não mais regressará, pode marcar o ponto decisivo da sua adesão ao surrealismo, a que se seguiu, em Agosto, partida para Paris], *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1030, Lisboa, 26 de Abril de 1947, p. 280.

CESARINY, Mário, “Prolegómenos ao aparecimento de Dadá e do Surrealismo”, *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1966 [o livro teve reedição integral, sem qualquer acrescento ou corte, em 1997, que seguimos, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 19-84].

- “O Crítico J.-A. França e a Exposição” [texto de 1950, com parágrafo sobre a exposição internacional de 1947 e velada alusão a Moniz Pereira, escrito em resposta a crítica de José-Augusto França na revista *Seara Nova* e por esta recusado], *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 149-153.
- “Notas Biográficas”, *Mário Cesariny*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977, pp. 43-66.
- “Regresso a André Breton” [publicação inicial no jornal *A Capital*, 3-11-1971], *As Mãos na Água a Cabeça no Mar*, 2.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1985, pp. 234-238.
- “Para uma Cronologia do Surrealismo em Português” [publicação inicial em francês, versão de Isabel Meyrelles, na revista *Phases*, dir. Édouard Jaguer, 1973], *As Mãos na Água a Cabeça no Mar* [a primeira edição do livro, de 1972, desconhece o texto], 2.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1985, pp. 261-282.
- “Contribuição ao Registo de Nascimento, Existência e Extinção do Grupo Surrealista de Lisboa” [com cartas (datadas do Verão/Outono de 1947 e do Inverno/Primavera/Verão de 1948) de Alexandre O'Neill, António Domingues, Cândido Costa Pinto, João Moniz Pereira, Mário Cesariny e Victor Brauner], 2.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1985, pp. 285-314 [publicação inicial em caderno autónomo, editado por

- M. Cesariny e Cruzeiro Seixas, Fevereiro de 1974, com dois extra-textos (cartas de A. Maria Lisboa e C. Seixas a M. Cesariny); a primeira edição do livro, de 1972, desconhece o texto aqui em causa, só dado a lume dois anos depois dessa edição].
- DESCAVES, Pierre, “Vida literária em França – O regresso de André Breton”, revista *Seara Nova*, ano XXV, n.º 987, Lisboa, 13 de Julho de 1946, pp. 165-166.
- FRANÇA, José-Augusto, *Balanço das Actividades Surrealistas em Portugal*, Lisboa, Cadernos Surrealistas, 1949 [reproduzido e traduzido em francês em número da revista *Colóquio/Artes*, n.º 48, 2.ª série, Lx., Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, pp. 28-35; seguimos e citamos esta versão].
- “A Exposição de Jorge Oliveira na SNBA” [José-Augusto França surge, sem qualquer ligação, próxima ou distante, com o surrealismo, a fazer crítica de cinema (Orson Welles) e de livros (Castro Soromenho) na revista *Seara Nova* em Julho e Setembro de 1949; em Fevereiro de 1950 inicia crítica de arte, com um texto sobre exposição de Jorge Oliveira, em que aproveita para comentar o evento exposição de Junho/Julho de 1949 do anti-grupo “Os Surrealistas”, num texto que se mostra um bom indicador para avaliar o que ele pensa do surrealismo no início de 1950; citamos um passo: *Obviamente, quando, há dias, uma outra sessão do JUBA, Nora Mitrani falou, muito seriamente, sobre toda uma evolução da problemática ligada ao surrealismo, o público concedeu-lhe muito menos importância. Como já tinha desdenhado uma exposição de interesse, feita no Verão, na Rua Augusto Rosa, onde, de mistura é claro com garotices inconsequentes e boas piadas de magazine, havia extraordinários trabalhos de escultura em meia de Artur Seixas [é a única alusão a estes trabalhos de Cruzeiro Seixas, que se perderam] e algumas notáveis comunicações poéticas de Cesarini [sic] de Vasconcelos – tudo num ambiente que (se não pela qualidade, que se ressentia do manuseio escolar de revistas de obra feita e não tinha força de descoberta) era vivamente o de uma exposição surrealista.*], revista *Seara Nova*, ano XXVIII, n.º 1152-53, Lisboa, 4-11 de Fevereiro de 1950, pp. 43-44.
- “Carta de Regresso” [texto diletante sobre Paris e Londres, com apreciação muito negativa da pintura de Victor Brauner,

o principal diálogo pictórico de Mário Cesariny: *a exposição de Brauner, declaradamente mágico, mas que só resiste (ab! Miró...)* pelo trabalhoso cuidado e pela lembrança folclórica.], revista *Seara Nova*, ano XXVIII, n.º 1168-69, Lisboa, 27 de Maio a 3 de Junho de 1950, pp. 165-167.

- “Nota Informativa sobre a Nova Pintura em Portugal” [após alguns textos dispersos (cinema, Aldous Huxley, viagem a Itália), J.-A. França regressa na revista de Câmara Reis ao surrealismo para dar acabado de vez, em momento coevo à saída da revista *Unicórnio*, o Grupo Surrealista de Lisboa. Citamos: *Não interessa aqui se tivesse gorado ou não o grupo que o [surrealismo] organizou, que dissidências e rotas divergentes tivessem afastado os seus membros*. França continua a acumular textos na *Seara Nova* sobre cinema até pelo menos Outubro de 1958 (n.º 1354-1355), altura em que a revista se prepara para sofrer alteração gráfica de fundo, que virá em Janeiro de 59 (n.º 1359); nunca regressará ao surrealismo], revista *Seara Nova*, ano XXIX, n.º 1226-27, Lisboa, 21 a 28 de Julho de 1951, pp. 539-540 e 547.

GUSMÃO, Adriano, “Exposição de Cândido Costa Pinto” [nota sobre a pintura de Cândido Costa Pinto, pelo crítico de arte da revista *Seara Nova*, Adriano Gusmão, que comete a proeza de não escrever uma só vez a palavra “surrealismo” (em passo lateral, alusão a “arte sobrerrealista”); a pintura de Costa Pinto é vista como lírica; reproduz-se quadro do pintor, “Aurora Hiante”, de 1942, de óbvia inspiração em Dali, o que mostra o apreço que a revista tem pelo pintor, já que muito raramente tem por hábito nessa época acompanhar as críticas de Gusmão com reproduções de obras dos criticados; menos dum mês antes (26-10-1945, suplemento ao número 949), o nome de Cândido Costa Pinto surge ao lado do de Adolfo Casais Monteiro e outros como tendo enviado carta à revista de adesão ao recém-criado Movimento de Unidade Democrática – MUD], revista *Seara Nova*, ano XXV, n.º 954, Lisboa, 24 de Novembro de 1945.

LISBOA, António Maria, “Cartas de António Maria Lisboa”, *Poesia*, edição de Mário Cesariny, Lisboa, Assírio & Alvim, 1977, pp. 241-314.

- NADEAU, Maurice, *Histoire du Surréalisme*, Paris, Édition du Seuil, 1945 [teve novas edições actualizadas em 1958 e 1964].
- O'NEILL, Alexandre, "Círculo de Cinema. A Batalha do Rail" [A. O'Neill aparece, já no final de Maio de 47, a assinar na revista *Seara Nova* crítica de cinema, com um único texto, que, tal como os anteriores de M. César, sobre música, se confunde aos propósitos do neo-realismo] *Seara Nova*, ano XXVI, n.º 1034, Lisboa, 24 de Maio de 1947, pp. 61-62.
- "Pequeno Aviso do Autor ao Leitor", *Tempo de Fantasmas*, Lisboa, Cadernos de Poesia, 1951.
- OLIVEIRA, Maria Antónia, "Surrealismo, Doença Infantil do Neo-Realismo", *Alexandre O'Neill – uma biografia literária*, Lisboa, Dom Quixote, 2007, pp. 57-91.
- PIRES, Daniel, revistas "Variante" e "Unicórnio", *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, volume II, 2.º tomo [Q-Z], Lisboa, Grifo, 2000.
- SENA, Jorge de, "Surrealismo I (a propósito de uma exposição e de algumas publicações conexas)" [primeiro dum conjunto de três artigos dedicados às actividades do Grupo Surrealista de Lisboa, na altura já em declínio], *Seara Nova*, ano XXVIII, n.º 1108, Lisboa, 2 de Abril de 1949, pp. 131-133.
- "Surrealismo II (a propósito de uma exposição e de algumas publicações conexas)", *Seara Nova*, ano XXVIII, n.º 1117, Lisboa, 4 de Junho de 1949, pp. 243-245.
- "Surrealismo III (conclusão, tendo em apêndice uma ode absolutamente surrealista e adequada às circunstâncias)", *Seara Nova*, ano XXVIII, n.º 1121, Lisboa, 2 de Julho de 1949, pp. 7-9.
- SIMÕES, João Gaspar, "Livros & Autores" [sobre as actividades do Grupo Surrealista de Lisboa na primeira metade do ano de 1949, já sem Mário Cesariny e António Domingues], jornal *Sol*, Lisboa, 23 de Julho de 1949, pp. 9 e 4.
- "Livros & Autores" [responde a texto anterior, assinado por Alexandre O'Neill e José-Augusto França, publicado a 10 de Setembro, no mesmo jornal; neste novo texto, que abre com uma deliciosa anedota, dita "quase surrealista", que valeu a O'Neill e França um ataque de fúria, Simões mostra estar a par da exposição da galeria Maeght no Verão de 1947 e do caso

Cândido Costa Pinto – de resto seu conterrâneo; Pedro Oom e Mário Cesariny, aproveitando o embalo, publicam na semana seguinte, novo texto, com título da autoria da redacção, “Os Surrealistas dizem da sua Justiça...”], jornal *Sol*, Lisboa, 24 de Setembro de 1949, p. 9.



Cândido Costa Pinto

RUA DA ALAMEDA, 6-B. 2.^o
TELEFONE 55250 - LISBOA 1

le dernier de 1959

Ⓞ Monsieur André Breton,

Vous vous rappelez, peut-être... En 1947 j'ai présenté, pour l'Expo Int. du Surréalisme ("Expoinersurréal") un tableau que j'ai nommé "Le Désir désire le Désir du Désir"...

C'était un tableau dramatiquement erotique -pas pornographique! Malheureusement, l'exposition de 47 n'avait pas le programme de celle de cet année. Et il ne fut pas admis. 12 ans se sont passés.

Je vous offre un petit paquet de quelques reproductions de tableaux. Faites attentions aux dates. Vous pouvez vous en servir comme vous voulez. Je ne dispose pas, pour le moment, d'autres peut-être plus intéressants pour vous.

Je sais que quelq'un vous a parlé de moi d'une façon assez peut scientifique... Je ne dispose pas de défense contre la stupidité malicieuse. C'est la plus grande force de ce monde et je suis assez faible pour pouvoir la combattre... Par conséquent, je souffre ses poignards.

Je crois même que la ESTUPIDITE pourrait être le thème de la prochaine exposition internationale du Surréalisme et qu'une telle exposition devrait être faite déjà l'année prochaine. Si l'Erotisme est mondial, la stupidité est déjà universelle. Elle marche vers la lune qu'elle n'attend pas ici en bas...

Je m'exerce ~~me~~ de m'installer en France. Je n'ai pas aucun argent que celui qui me vient de mon travail. L'installation en France pose des problèmes. J'aimerais ~~me~~ bien d'avoir un accord avec une galerie, quelque chose qui puisse m'assurer l'existence modeste que je mène avec ma femme!

Mais, si je n'ai pas d'argent, je n'ai pas non plus d'amis, qui sont plus chères encore quand un homme se refuse de devenir mannequin de l'haute Couture de l'art, un aidant la carrière étoilée de certains écrivains snobs et très bourgeois.

Enfin, ce sont des questions éthiques que vous connaissez mieux que moi-même et avec lesquelles je ne dois pas massacrer votre patience. Je me rappelle, et je n'oublierais jamais, de votre accueil si généreux et aimable de 1947. Et je garde pour vous une très grande vénération.

Je vous présente, Cher Monsieur Breton, en ce français limité pour lequel j'attends votre bienveillance, les vœux les plus pressés de succès révolutionnaire et morale pour l'exposition de cet année
et très bonne santé

pour vous
et madame,

Cândido Costa Pinto



ÍNDICE

- 9 Para a História do Grupo Surrealista de Lisboa
- 57 Cartas a A. Breton de M. Cesariny & Cândido Costa Pinto
- 67 Notas às Cartas
- 77 Cronologia
- 85 Bibliografia



